



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**

Ana Paula Costa de Sousa

**MÚSICA E METÁFORA NA LINGUAGEM DO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO A
PARTIR DO OLHAR ENUNCIATIVO**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

Recife

2025

Ana Paula Costa de Sousa

MÚSICA E METÁFORA NA LINGUAGEM DO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO OLHAR ENUNCIATIVO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, da Escola de Educação e Humanidades, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros

Linha de Pesquisa: Aquisição, Desenvolvimento e Distúrbios da Linguagem em suas diversas manifestações.

Universidade Católica de Pernambuco

2025

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
Prof. Dr. Pe. Pedro Rubens Ferreira Oliveira, S.J. (Reitor)
Prof. Dr. Pe. Lúcio Flávio Ribeiro Cirne, S.J. (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Prof^ª. Dra. Valdenice José Raimundo (Pró-Reitora)

ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
Prof. Dr. Danilo Vaz Curado R. M. Costa (Diretor)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
Prof^ª. Dra. Roberta Varginha Ramos Caiado (Coordenadora)
Prof^ª. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros (Vice-coordenadora)

Ficha Catalográfica

SOUSA, Ana Paula Costa de, 2025.

MÚSICA E METÁFORA NA LINGUAGEM DO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO OLHAR ENUNCIATIVO, 2025. nf.64; 30cm.

Orientador: Prof^ª. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros
Mestrado em Ciências da Linguagem – Universidade Católica de Pernambuco, 2025.

1. Metáfora. 2. Transferência analógica de sentido. 3. Enunciação. 4. Música. 5. Autismo. I. BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. II. Universidade Católica de Pernambuco. Mestrado em Ciências da Linguagem. Escola de Educação e Humanidades. III. Música e metáfora na linguagem do autista: um estudo de caso a partir do olhar enunciativo.

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que citada a fonte, a reprodução e a divulgação total ou parcial desta dissertação, por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Ana Paula Costa de Sousa

MÚSICA E METÁFORA NA LINGUAGEM DO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO OLHAR ENUNCIATIVO

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestra em Ciências da Linguagem. Foi aprovada em sua forma final, com alterações indicadas pela banca.

Recife, 26 de Março de 2025.

Roberta Varginha Ramos Caiado

Prof^a. Dra. Roberta Varginha Ramos Caiado Coordenadora do
PPGCL

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 ISABELA BARBOSA DO REGO BARROS
Data: 28/03/2025 16:54:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros Orientadora -
Universidade Católica de Pernambuco

Documento assinado digitalmente
 ELISANGELA MARIA DA SILVA
Data: 04/06/2025 16:07:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Elisângela Maria da Silva
Examinador externo – Centro Universitário Frassinetti do Recife

Documento assinado digitalmente
 RENATA FONSECA LIMA DA FONTE
Data: 04/06/2025 11:07:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dra. Renata Fonseca Lima da Fonte Examinador
interno - Universidade Católica de Pernambuco

Esta pesquisa foi realizada com o apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior - CAPES.

À Ellysson Sousa, por me permitir
enxergar o mundo sob seus olhos.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida, pelas permissões e conquistas, pelos livramentos e sem dúvidas, pelo milagre de cura que me foram concedidos.

À minha mãe/vó Maria do Carmo, que escolheu me acolher e criar mesmo não tendo as condições mais favoráveis, mas que não desistiu de mim, a qual tenho um amor incondicional e serei eternamente grata.

Ao meu esposo Edelson Sousa, pelo companheirismo e incentivo, compreensão e paciência, que compreendeu minhas ausências e apoiou minhas escolhas.

Ao meu filho Ellysson Sousa, por me permitir conhecer mais a fundo o Autismo, por seu amor e ternura, me levando a trilhar novos caminhos sob novas perspectivas.

À minha amiga/irmã Híliliana Alves, grande incentivadora, que se fez presente nas minhas angústias, compartilhando dos meus medos e inseguranças.

À minha amiga Kátia Simone, a irmã que a vida me deu, que torceu, orou e vibrou em cada etapa desse processo, com um sorriso no rosto me dizia: Vai dar certo!

À Leni Rejane, por me apresentar Benveniste, colaborando nesse eterno processo de aprendizagem.

À minha querida orientadora Prof^ª. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros, pela transmissão do conhecimento, pelas boas discussões e pela paciência, pela autonomia de minha pesquisa e por apostar em meu potencial. Em cada orientação, era uma aula em que eu me “agarrava com unhas e dentes”, na certeza que todo esforço e sacrifício valeria a pena.

À minha amável Prof^ª. Dra. Glória Carvalho, muito obrigada pelas vivências, pelas partilhas e pelo acolhimento, por me mostrar os passos na trajetória acadêmica de uma forma suave, pela atenção no percurso das disciplinas e na construção desse trabalho.

À minha querida Prof^ª. Dra. Rossana Henz, pelas conversas na volta para casa, me ensinando como a vida pode ser simples e mais leve!

Às amigadas que adquiri, as quais fizeram o processo acadêmico mais leve e alegre.

À Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, pelo acolhimento e pelas oportunidades e laços que foram construídos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), muito obrigada. Com o mestrado, eu não adquiri apenas habilidades acadêmicas, adquiri habilidades para a vida!

À todos professores, que fizeram parte da minha caminhada enquanto mestranda, que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação pessoal e profissional.

Aos membros das bancas de qualificação e da banca de defesa desta dissertação, Profa. Dr.^a Renata da Fonte, Profa. Dr.^a Elisângela Maria, muito obrigada pelas colocações, pelas sugestões e contribuições tão pertinentes e relevantes.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos e pelo apoio financeiro.

A todos que torceram por mim.

Muito obrigada!

*Não atingimos nunca o homem separado da
linguagem e não o vemos nunca inventando-a.*

(Émile Benveniste)

SOUSA, Ana Paula Costa de. MÚSICA E METÁFORA NA LINGUAGEM DO AUTISTA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DO OLHAR ENUNCIATIVO. 2025. nf.64. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Escola de Educação e Humanidades, Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2025.

RESUMO

Esta pesquisa está pautada na teoria enunciativa de Émile Benveniste, mais especificamente nos textos *Semiologia da língua*, *A forma e o sentido na linguagem* e *O aparelho formal da enunciação*, os quais trazem as discussões do autor sobre o processo de semantização da língua. Acompanhando as pesquisas que relacionam a teoria enunciativa à aquisição de linguagem no autismo, originadas, sobretudo, com o trabalho de Barros (2011), defendemos aqui o processo de semantização da língua atravessado pela presença da música no enunciado do sujeito autista. Nosso objetivo principal é investigar o efeito metafórico enunciativo da música na linguagem da criança com diagnóstico de autismo. Para isso, analisamos a metáfora no campo da linguística enunciativa e identificamos os movimentos da linguagem na criança com diagnóstico de autismo. Realizamos uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, seguindo o procedimento bibliográfico, porque se julgou necessário investigar a música de um outro lugar que não de uma combinação harmoniosa e expressiva de sons ou, ainda, de um instrumento de apoio pedagógico ou uma repetição de discurso na linguagem da criança autista. Nosso *corpus* é formado a partir da coleta de dados de registros audiovisuais de interações, ocorridos no Grupo de Estudos e Acolhimento ao Espectro Autista (GEAUT), do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), da Universidade Católica de Pernambuco e fragmentos da pesquisa de Barros (2011) em um contexto clínico. Foram selecionados para análises, trechos da linguagem de duas crianças autistas, em que se observava o uso de música em seu discurso. A análise de dados está pautada na perspectiva enunciativa benvenistiana, apesar do linguista não trazer em seus estudos uma forma de análise metodológica. Concluímos que, nos fragmentos de linguagem analisados, a enunciação ou o uso singular e individual da língua por meio de trechos de música, corresponde ao processo de semantização da língua realizado pelas crianças autistas, ou seja: a criança dá um novo sentido à música em seu discurso. A transferência analógica de sentidos nessa perspectiva, ocorre no momento da enunciação, quando um locutor enuncia ao alocutário sentidos que trazem novas designações, ou novos usos.

Palavras-chave: Metáfora. Transferência analógica de sentido. Enunciação. Música. Autismo.

SOUSA, Ana Paula Costa de. MUSIC AND METAPHOR IN THE LANGUAGE OF AUTISTS: A CASE STUDY. 2025. nf.64. Dissertation (Masters in Language Sciences). School of Education and Humanities, Postgraduate Program in Language Sciences, Catholic University of Pernambuco. Recife, 2025.

ABSTRACT

This research is based on Émile Benveniste's enunciative theory, more specifically in the texts *Semiology of Language*, *Form and Meaning in Language* and *The Formal Apparatus of Enunciation*, which bring the author's discussions about the language semanticization process. Following the research that relates the enunciative theory to the acquisition of language in autism, originating, above all, with the work of Barros (2011), we defend here the process of semanticization of the language crossed by the presence of the unenunciated music of the autistic subject. Our main objective is to investigate the metaphorical enunciative effect of music on the language of children diagnosed with autism. To do this, we analyzed the metaphor in the field of linguistic enunciation and identified the language movements in children diagnosed with autism. We carried out qualitative research, of the case study type, following the bibliographic procedure, because it was deemed necessary to investigate music from a place other than a harmonious and expressive combination of sounds or, even, a pedagogical support instrument or a repetition of speech in the language of the autistic child. Our corpus is formed from the collection of data from audiovisual records of interactions, which took place in the Study and Reception Group for the Autistic Spectrum (GEAUT), of the Postgraduate Program in Language Sciences (PPGCL), at the Catholic University of Pernambuco and fragments of research by Barros (2011) in a clinical context. Excerpts from the language of two autistic children were selected for analysis, in which the use of music in their speech was observed. Data analysis is based on Benvenist's enunciative perspective, although the linguist does not bring a form of methodological analysis into his studies. We conclude that, in the analyzed language fragments, the enunciation or the singular and individual use of language through excerpts of music corresponds to the language semanticization process carried out by autistic children, that is: the child gives a new meaning to music in their speech. The analogical transfer of meanings in this perspective occurs at the moment of enunciation, when a speaker enunciates to the addressee meanings that bring new designations, or new uses.

Keywords: Metaphor. Analogical transfer of meaning. Enunciation. Music. Autism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1: Eixos sintagmático x associativo.....	34
Figura 2: Transferência analógica de denominações no discurso (fragmento 1).....	52
Figura 3: Transferência analógica de denominações no discurso (fragmento 2).....	54

QUADROS

Quadro 1: Movimentos no jogo e no sistema.....	31
Quadro 2. Cena 1: Interação entre a criança e dois interlocutores.....	43
Quadro 3. Cena 2: Interação entre a criança e dois interlocutores.....	46
Quadro 4. Cena 3: Interação entre a criança e três interlocutores.....	47
Quadro 5. Cena 4: Repetição de dizer como produção de sentido / metáfora enunciativa.....	49
Quadro 6: Sessão de terapêutica com a fonoaudióloga.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES — Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CLG — Curso de Linguística Geral

DSM — Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais)

GEAUT — Grupo de Estudos e Acolhimento ao Espectro Autista

PLG I — Problemas de Linguística Geral I

PLG II — Problemas de Linguística Geral II

PPGCL — Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem

TEA — Transtorno do Espectro Autista

UNICAP — Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1	Semantização em Benveniste	22
2.2	Metáfora Enunciativa	29
2.2.1	<i>Uma leitura da metáfora a partir da Linguística Estrutural</i>	30
2.2.2	<i>Por uma perspectiva enunciativa da metáfora</i>	36
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
4	ANÁLISE E DISCUSSÕES	44
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
	REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o DSM-5-TR (2023), o autismo é caracterizado por dificuldades persistentes na comunicação e na interação social em múltiplos contextos, incluindo alterações na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Segundo Barros (2015, p. 14), “há no sujeito autista uma dificuldade em expandir as associações inserindo elementos linguísticos novos que facilitem o entendimento do discurso para um locutor, caracterizando, assim, sua linguagem como descontextualizada, rígida e perseverante”. Vale ressaltar que cada criança é única, não respondendo igualmente aos mesmos estímulos, como também é importante frisar que embora estejam dentro do espectro, as crianças apresentam características diferentes.

Sob a perspectiva enunciativa, abordamos nesta pesquisa a singularidade na linguagem da criança autista. O termo ecolalia advém do campo da medicina. De acordo com o DSM-5-TR (2023) ela é vista como uma repetição patológica, aparentemente sem significado comunicativo e classifica essa condição entre os comportamentos restritos e repetitivos do TEA.

Trataremos o termo nesta pesquisa a partir do ponto de vista linguístico, a ecolalia como sintoma na linguagem, como uma repetição de dizer, que segundo Barros (2024), “são disfunções de linguagem que revelam modos de funcionamentos de linguagem e a relação do sujeito com ela”. Segundo Laznik-Penot (1997), a ecolalia não pertence ao campo das repetições, pois a repetição de forma simbólica implica uma inovação.

Malta trás os seguintes questionamentos:

Será mesmo que se trata apenas de uma reprodução? Ou seria possível algum movimento de transformação ou de organização simbólica que permitisse a emergência do novo nessa fala (Malta, 2006, p. 48)?

Essas perspectivas nos levam a refletir sobre o sentido da repetição, seria uma mera reprodução do discurso do outro, ou implica algo mais?

Partindo desse pressuposto, defendemos a repetição do dizer caracterizado por trechos de música como uma forma metafórica do sujeito autista de lidar com o sistema linguístico, acompanhando estudos já iniciados por Barros (2011, 2024) e Barros e Ferreira Júnior (2023), os quais indicam que esse sintoma na linguagem

aponta para uma produção de sentido. A metáfora enunciativa que aqui enfatizamos, ocorre no discurso, no processo enunciativo, considerando o ato enunciativo, o locutor e alocutário, a cena, o momento e os instrumentos linguísticos, diferentemente da metáfora enquanto figura de linguagem.

Barros, Fonte e Souza afirmam que,

a noção de enunciação, que apresenta um locutor e um interlocutor, surge uma reflexão sobre a possibilidade da ecolalia, em determinadas cenas discursivas, representar papel análogo ao das metáforas (Barros, Fonte e Souza, 2020, p. 181).

A partir dessa perspectiva, nos distanciamos da ecolalia como repetição sem sentido, embora, ao longo do contexto histórico, o foco maior tenha sido nas impossibilidades apresentadas por esse público, como afirmam Vasconcelos (2009, p. 10), “não ser sujeito, não estar na linguagem, dentre outros”, e Barros que descreve que:

parece que o autismo vem acompanhado pelo signo linguístico ‘não’ na forma de um discurso social desanimador: não apresenta linguagem, não fala, está fora da linguagem, resiste ao contato de outras pessoas, foge ao olhar, não gosta de mudanças na rotina, não usa a imaginação de maneira adequada. Somados a estes aspectos, características sintomatológicas próprias do autismo, a exemplo de estereotípias motoras e vocais, são negadas enquanto linguagem dentro de uma concepção tradicional de assistência ao sujeito autista. Diante disso, parece que os sintomas negam o sujeito e a sua linguagem, colocando o autista no lugar do não, onde nada existe, onde nada seria possível (Barros, 2016, p. 746).

Assim, buscamos nesta pesquisa, apontar a hipótese da música como uma forma singular de estar na linguagem dentro das particularidades do sujeito autista. Destacamos a importância das marcas que este sujeito deixa no enunciado, levando em consideração a subjetividade na fala. Concordamos com as palavras de Barros quando afirma que:

A linguagem no Autismo, do ponto de vista da Linguística da Enunciação, configura-se como um espaço vivo para a constituição e estruturação do sujeito preso a um corpo esfacelado e marcado pelos discursos carregados de impossibilidades característicos desse transtorno do desenvolvimento (Barros, 2011, p. 232).

Sob esse viés, o falante deve ser considerado no momento do enunciado, independente da patologia. Acompanhando as pesquisas que relacionam a teoria enunciativa à aquisição de linguagem no autismo, originadas, sobretudo, com o trabalho de Barros (2011), defendemos aqui o processo de semantização da língua atravessado pela presença da música no enunciado do sujeito autista. Nosso

objetivo geral é investigar o efeito metafórico enunciativo da música na linguagem da criança com diagnóstico de autismo.

Os objetivos específicos são analisar a metáfora no campo da linguística enunciativa e identificar os movimentos da linguagem na criança com diagnóstico de autismo. Para isso, partimos da análise clínica, Barros (2011, 2012, 2014, 2022, 2024), Barros e Ferreira Júnior (2014, 2023), Barros, Fonte e Souza (2020), Barros e Fonte (2021), que trazem importantes considerações no que se refere a singularidade na linguagem do autista:

Pensamos que os transtornos de linguagem estão diretamente relacionados à constituição da criança como sujeito no processo enunciativo, deixando à mostra diferentes formas de engajamento subjetivo e de produção de sentidos (Barros; Ferreira Júnior, 2023, p. 117).

Ainda segundo Barros:

A concepção de patologia da linguagem cede lugar para o sintoma da (na) linguagem, estando o foco de interesse na linguagem em funcionamento e conseqüentemente, nas situações discursivas. Procura-se o sujeito que fala, e não apenas a fala do sujeito, cabendo ao profissional distinguir entre a possibilidade de uma manifestação sintomática do inconsciente na fala e a impossibilidade comunicativa de ordem orgânica (Barros, 2006, p.9).

Seguindo esse pensamento, Flores afirma que:

o estudo da patologia de linguagem com relação ao sujeito que enuncia permite ao clínico a construção de recursos de análise que possibilitam elaborar hipóteses sobre o funcionamento da linguagem, ou seja, sobre a singularidade da 'patologia' para cada sujeito na instância enunciativa (Flores, 2007, p. 100).

Em outras palavras, ao invés de apenas olhar para os problemas na linguagem, como algo que está errado, é importante considerar o contexto em que a linguagem está sendo usada e entender o sujeito por trás da fala. Identificar os problemas na/da fala é uma abordagem mais centrada na estrutura da língua. Neste estudo, buscamos compreender o sentido advindo do uso das palavras pelo sujeito.

Barros e Fonte (2021, p. 207) afirmam que “a ecolalia, tradicionalmente tratada como um sintoma da linguagem e como uma repetição sem sentido, poderá ser repensada como uma linguagem metafórica”. Partimos do ponto que a linguagem é uma habilidade essencial para a comunicação e interação social, e seu desenvolvimento pode ser desafiador para a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Na perspectiva das autoras, “a ecolalia, outrora tida como rígida, encontra um sentido por meio de uma analogia, de uma metáfora”(Barros e Fonte, 2021, p. 200).

Para Benveniste “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a” (Benveniste, 2020, p. 282), perceber a linguagem dentro dessa perspectiva e não somente como mero instrumento de comunicação é de extrema importância para toda e qualquer criança, porém se tratando de crianças dentro do TEA isto torna-se ainda mais pertinente. Considerado como linguista da enunciação por excelência, o linguista francês, afirma que a linguagem está na natureza da humanidade, que não a fabricou. “É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem e a linguagem ensina a própria definição do conceito do homem” (Benveniste, 2020, p. 285). Nesses termos, para o autor a linguagem é própria do homem, diferentemente de uma picareta ou flecha, fabricada pelo homem e que serve de instrumento.

Assim, tomamos como ponto de partida, a música, que está presente em nosso cotidiano, influenciando nosso comportamento, seja numa loja ou em um elevador, onde não vemos o tempo passar, em uma festa ou em qualquer lugar onde estejamos. Assim como outras manifestações culturais e artísticas, é capaz de despertar um universo de significados, representações e percepções distintas, tornando possível afirmar que cada pessoa a perceberá de um modo diferente, abrindo assim canais de linguagem para que se aumentem suas possibilidades de expressão. Se faz presente na vida das pessoas de diversas formas, seja ouvindo música no carro, assistindo a filmes ou propagandas de televisão, indo a concertos, shows ou mesmo estudando um instrumento musical.

A música, junto à linguagem, é um dos traços exclusivos dos seres humanos. Apesar da existência do canto dos pássaros e alguns tipos de comunicação entre primatas e baleias, por exemplo, nenhuma outra espécie possui esses dois domínios organizados da maneira como são nos seres humanos (Mithen, 2006). A música surge como uma forma de expressão e comunicação. Os sons vêm da natureza, mas a música é o homem quem faz, a música não é um objeto, mas sim uma ação do homem sobre o mundo: “ela se realiza como uma forma do homem entender, organizar, classificar, interagir, manipular, ser manipulado, construir, desconstruir, enfim, uma forma de se relacionar com o mundo” (Sampaio, 2005, p. 22).

É definida como uma forma de linguagem que se utiliza através da voz e dos instrumentos musicais para expressar sentimentos variados, pois, realiza-se na

combinação entre o som e o silêncio, onde se inserem elementos sonoros como: a altura, o timbre, a intensidade e a duração, os quais fazem parte da audição. Schopenhauer (2005) caracteriza a música como uma linguagem universal, anterior à linguagem verbal e plástica, uma vez que, dada a sua importância, se distingue das outras artes. Para o filósofo, esta possui um dom do desejar, uma vez que é causado pela vontade do sujeito.

A relação entre música, linguagem e autismo tem sido objeto de estudo e interesse nas áreas de pesquisas e intervenção no autismo. Algumas pesquisas trazem a música como instrumento terapêutico, outros ainda como recurso pedagógico. Do ponto de vista da psicanálise, Orrado e Vives (2022, p. 144), afirmam que “o encontro do autista com a música lhe permitiria ter uma experiência não traumática do encontro com o sonoro que faz ouvir um endereçamento”. Para o antropólogo e filósofo Lévi-Strauss (2011, p. 624) “a música é a linguagem menos o sentido”, ou seja, o sentido seria atribuído pelo destinatário, que validaria esse enunciado. A seguir apresentamos outras pesquisas que envolvem nosso objeto de estudo: a música.

Oliveira (2015) fez um trabalho de pesquisa investigando a importância da musicalização em dois contextos distintos: um era um ambiente de aula para crianças autistas onde só havia autistas (portanto, não inclusivo); o outro era um ambiente com crianças neurotípicas e autistas (inclusivo). A conclusão da pesquisa é que ambas as crianças estudadas tiveram ganhos enormes no seu desenvolvimento. No fim, ele afirma que:

Ficou claro, também, o quanto a música afeta o indivíduo em sua globalidade, contribuindo em questões não estritamente musicais, como, por exemplo, nos deficits decorrentes da sintomatologia autista (socialização, comunicação e comportamento); no desenvolvimento cognitivo, beneficiando a capacidade de imitação, concentração, atenção, observação e percepção, bem como na linguagem e na movimentação corporal (Oliveira, 2015, p.114).

Segundo Sacks (2007, p. 229), em um trabalho realizado com uma criança autista, que apresentava dificuldades de linguagem, a criança demorava muito para “processar” a linguagem, e por isso geralmente era preciso repetir várias vezes uma pergunta antes de ele produzir uma resposta verbal. Mas, ao lhe fazer uma pergunta cantando, ele podia responder de imediato, também cantando.

Nocrato (2022, p. 15) aponta que “a música seja um elemento de suma importância para tais crianças, na medida em que poderá levar a uma libertação da

fala e, conseqüentemente, contribuir para a constituição de sua subjetividade”, a autora afirma ainda que “a música é um meio de favorecer a linguagem e, portanto, a relação da criança autista com os outros” (Nocrato, 2022, p. 17). Levando em consideração esses estudos, podemos vislumbrar a música como um lugar enunciativo, rompendo com o conceito da música apenas como instrumento didático ou terapêutico e tão pouco explorado na perspectiva enunciativa.

O que propomos neste estudo, fundamentados na teoria da enunciação, é a música como transferência analógica de sentidos. Aqui, apresentamos nosso objeto de estudo, levando em consideração a música como enunciação do sujeito, onde ele se constitui como um “eu” na linguagem mesmo que de uma forma diferente do esperado, de uma forma singular dentro de sua particularidade, o autismo. Ao mesmo tempo, em que se declara como ‘eu’, ele implica um ‘tu’, pois toda enunciação, segundo Benveniste (2023, p. 84), “ela postula um alocutário”. Partindo dessa perspectiva, nos intriga a seguinte questão: Que efeitos a música produz na linguagem da criança com diagnóstico de autismo?

A partir desse questionamento, realizamos uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, seguindo o procedimento bibliográfico, porque se julgou necessário investigar a música de um outro lugar que não de uma combinação harmoniosa e expressiva de sons ou, ainda, de um instrumento de apoio pedagógico ou uma repetição de discurso na linguagem da criança autista.

Nosso *corpus* é formado a partir da coleta de dados de registros audiovisuais de interações, ocorridos no Grupo de Estudos e Acolhimento ao Espectro Autista (GEAUT), do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), da Universidade Católica de Pernambuco e fragmentos da pesquisa de Barros (2011) em um contexto clínico. Foram selecionados para análises, trechos da linguagem de duas crianças autistas, uma do grupo de acolhimento e uma da pesquisa de Barros (2011), em que se observou o uso de música em seu discurso, a análise de dados está pautada na perspectiva enunciativa benvenistiana.

Nos fragmentos de linguagem analisados, a enunciação ou o uso singular e individual da língua por meio de trechos de música, corresponde ao processo de semantização da língua realizado pelas crianças autistas, ou seja: a criança dá um novo sentido à música em seu discurso. A transferência analógica de sentidos nessa perspectiva, ocorre no momento da enunciação, quando um locutor enuncia ao alocutário sentidos que trazem novas designações, ou novos usos.

Esta pesquisa apresenta duas seções, na primeira apresentamos considerações sobre a semantização da língua, no qual trazemos reflexões sobre os aspectos semióticos e semânticos da linguagem fundamentadas em Benveniste, na segunda, apresentamos considerações sobre a metáfora na perspectiva estruturalista objetivando discutir a metáfora enunciativa como uma transferência analógica de sentido.

Diante do exposto, esta pesquisa tem a finalidade de contribuir para o aprofundamento dos estudos linguísticos a partir do efeito metafórico enunciativo, buscando uma compreensão sobre a música na linguagem da criança autista. Nesse contexto, presumimos a possibilidade de novos encaminhamentos e pesquisas futuras, a partir de uma linguagem musical bem pouco explorada no campo da Teoria da Enunciação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A repetição de dizer na linguagem do autista, comumente, é vista de acordo com o DSM-5-TR (2023) como ecolalia, (termo advindo do campo da medicina), algo patológico, sem significado comunicativo e classificada como comportamento restrito e repetitivo ao TEA. Nesta pesquisa, abordamos a repetição de dizer, termo que utilizaremos ao longo desta pesquisa, que se distancia dos estudos e definições da ecolalia. A repetição de dizer aqui tratada, enquanto metáfora no contexto enunciativo, distancia-se dos estudos clássicos da metáfora no contexto cognitivo.

Tomamos aqui, a repetição de dizer não apenas como repetição do discurso do outro, mas sob o viés linguístico, como sintoma na linguagem, que, segundo Cardoso e Flores (2022, p. 32), é pensado como “uma posição que o sujeito ocupa na linguagem”. Desse modo, nos distanciamos do termo sintoma com sentido patológico e nos aproximamos de discussões sobre a semantização da língua: o ato do sujeito, em contextos específicos, dar sentido próprio ao enunciado proferido (Benveniste, 2020).

2.1 Semantização em Benveniste

O presente estudo inicia sua fundamentação teórica com os alicerces na Teoria enunciativa de Émile Benveniste (1902 - 1976). Priorizando a linguagem, Benveniste abriu portas para uma nova perspectiva linguística. Tendo a inclusão do sujeito como ponto de partida, o linguista perpassou Saussure, apresentando em seus estudos características que nos mostram que a linguagem é um processo no qual o sujeito se apropria, gerencia e faz uso da língua de forma muito singular. Em seu texto “O aparelho formal da enunciação (1970)” em Problemas de Linguística Geral II (PLG II), o linguista define o conceito de enunciação como um ato: “enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 2023, p. 82).

Esse colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização em uma situação enunciativa específica corresponde ao processo de semantização da língua. A partir dessa definição, podemos entender que a língua só se torna ativa

quando alguém a utiliza para se comunicar. Antes disso, a língua é apenas uma possibilidade. Ainda segundo o autor:

A enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Aqui a questão - muito difícil e pouco estudada ainda - é ver como o sentido se forma em palavras, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação. É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação, e ela conduz à teoria do signo e à análise da significância (Benveniste, 2023, p. 83).

Para Benveniste a língua se transforma em discurso através da semantização. Mas o que é semantização? É basicamente quando o locutor usa a língua de forma específica para se referir a si mesmo, aos outros, no tempo e espaço específico. Isso significa que o locutor está dando significado ao que está dizendo. A semantização da língua, que é dar sentido às palavras, é muito importante nesse processo. Isso nos leva a teoria do signo e à análise da significância, que são formas de estudar como as palavras têm significado e como elas interagem umas com as outras.

Constatamos isso em “A forma e sentido na linguagem (1966)”, quando Benveniste evidencia o poder significante da língua e a existência de seus dois modos de significação (semiótico/semântico). O semiótico referindo-se a significância da língua-sistema e o semântico a significância da língua-discurso. O linguista afirma que: “a linguagem tem, em sua utilização, uma diversidade de empregos, de jogos, de que nós não podemos ainda se quer fazer uma ideia” (2023, p. 233). Apoiados nesta perspectiva entendemos que a ecolalia pode corresponder a um esforço de emprego da linguagem de forma particular.

Ainda segundo o autor,

Não se trata mais, desta vez, do significado do signo, mas do que se pode chamar o intencionado, do que o locutor quer dizer, da atualização linguística de seu pensamento (Benveniste, 2023, p. 228).

Para o autor, isso significa que não é apenas sobre o significado das palavras, mas sim sobre o que o falante diz. É como se fosse a intenção por trás das palavras, a mensagem que o locutor quer transmitir. Por exemplo, se alguém diz "Está frio aqui", o significado literal é sobre a temperatura, mas a intenção pode ser que a pessoa está com frio e quer que alguém feche a janela. É sobre entender que por trás de um signo pode haver diferentes sentidos no instante em que o locutor atualiza o discurso.

Para Freire, a significação semiótica da língua “deve ser RECONHECIDO e o semântico COMPREENDIDO” (2011, p. 32, grifos do autor). A partir dessas

características, podemos compreender a propriedade da língua como semiótico e a atividade do locutor como semântico.

Na teoria enunciativa, a dupla significância da língua (semiótico e semântico) traz importantes considerações para as discussões sobre a linguagem no autismo. Barros e Ferreira Júnior afirmam que:

Na enunciação da criança autista, os fonemas e as combinações realizadas passam a funcionar como signos da língua e como palavras do discurso, e sinalizam um modo singular com que as unidades semióticas se combinam e podem ser compreendidas pelo outro. Em outros termos, os níveis semiótico e semântico da língua expõem a singularidade do transtorno autístico na justa medida em que crianças autistas frequentemente encontram modos específicos de vocalizar e de agir sobre seus parceiros discursivos (Barros e Ferreira Júnior, 2023, p. 121).

Os autores defendem que “é na enunciação que as vocalizações ganham um sentido, desde que o interlocutor identifique e compreenda as formas semiótica empregadas pela criança autista. Sob o mesmo ponto de vista, Teixeira e Messa afirmam que: “O semiótico abriga formas cujo significado é distintivo. O semântico é o lugar em que essas formas adquirem sentido singular, em que a função do ato de enunciação em que são proferidas” (Teixeira e Messa, 2015, p. 99). Benveniste afirma ainda que:

O sentido de uma frase é sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego (sempre na acepção semântica). A partir da ideia, a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego têm um sentido particular (Benveniste, 2023, p. 231).

Apoiados nessa perspectiva, apontamos que na linguagem do sujeito autista, a repetição de dizer traz o processo de semantização, na intenção de expressar ideias, em um movimento enunciativo em que o sistema se atualiza e singulariza de forma muito particular.

Retomamos para o texto “Aparelho formal da enunciação” (1970), quando Benveniste (2023, p. 83) afirma que: “Na enunciação consideraremos, sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização”. Lançamos olhar para a forma como a criança autista se constitui na linguagem como sujeito (gerenciamento da língua por parte do locutor), ou seja, como esse sujeito se enuncia, distinguindo a repetição de dizer da repetição de palavras (ecolalia), levando em consideração o contexto em que esse ato enunciativo ocorre.

A repetição de dizer, segundo Barros (2024), refere-se “as disfunções de linguagem, que revelam modos de funcionamento da linguagem e a relação do sujeito com ela”. Já a repetição de palavras ou ecolalia (termo utilizado na área clínica), “é descrita como emprego descontextualizado de palavras, de discurso ou partes desse discurso, anteriormente apreendidos, em alguns momentos sem referência evidente” (Barros, 2006, p. 8).

Mas o que diferencia o enunciado da enunciação? O ato de enunciar-se. Essa consideração é fundamental para distinguir o texto do gerenciamento da língua por parte do sujeito. A subjetividade, pensada por Benveniste (2020), não é projetada no eu, mas sim na relação de intersubjetividade do par eu / tu, relação acontecida em um aqui / agora. Desse modo, a relação dos sujeitos é dialógica por natureza. Benveniste defende a ideia de que o sujeito, para se constituir como tal, precisa reconhecer o outro, não importando a gênese desse outro, que pode ser real ou imaginária.

O linguista formula uma teoria da enunciação, que a concebe como uma instância de mediação entre a língua e a fala. Ao afirmar que “Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*” (Benveniste, 2020, p. 282, 283), o autor aborda o par eu/tu como marcas da pessoa na enunciação, bem como para indicar o par sujeito/subjetividade no ato discursivo. “É na instância de discurso na qual eu designa o locutor que este se enuncia como sujeito. É portanto verdade, ao pé da letra, que o funcionamento da subjetividade está no exercício da língua” (Benveniste, 2020, p. 285). Segundo o linguista francês, a categoria de pessoa é a primeira a instaurar e representar a subjetividade na linguagem.

O “eu significa a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém o eu. Instância única por definição e válida somente na sua unicidade” (Benveniste, 2020, p. 274), essa instância é a enunciação, que é, então, o ato de pôr em funcionamento a língua. As categorias de pessoa, de espaço e de tempo. Quando Benveniste deixa de considerar a fala, no sentido saussuriano, na verdade, começa a mostrar-nos que o produto da linguagem é regrado, é social. A enunciação é a instância do *ego, hic et nunc*, ou seja, do eu, aqui e agora, porque, nela, alguém, num espaço e num tempo criados pela linguagem, toma a palavra e, ao fazê-lo, institui-se como “eu”, e dirige-se a outrem, que é instaurado como um “tu”. Isso é o conteúdo da enunciação.

Segundo Vasconcelos (2009, p. 13), “os termos ‘eu’ e ‘tu’, já mencionados, são formas linguísticas que revelam a pessoa, o sujeito. Os pronomes pessoais, tão marcadamente carregados desse valor subjetivo são, essenciais à língua e estão presentes em todas elas”. Para falar dessas instâncias Benveniste (2023) faz uso do termo “*embrayeurs*”, termo traduzido, por Jakobson (1957 apud Pires; Werner, 2007), para o francês, do termo “*shifters*”. Partindo desse pressuposto, dêiticos são *shifters* e este termo foi traduzido para “*embrayeurs*”, “terminologia usada por Jakobson, indicando precisamente aquela classe de palavras que varia conforme a situação em que tais palavras são empregadas” (Pires; Werner, 2007, p. 148).

Analisando o sujeito autista, a partir desse viés, que se enuncia através da música, em um espaço, aqui e agora, encontramos na repetição de dizer, o sentido. Fundamentada na concepção benvenistiana, esse sujeito apresenta uma forma particular de estar na linguagem. Ao ocupar uma posição enunciativa, o sujeito faz a língua entrar em funcionamento, o que nos faz refletir sobre a noção de “subjetividade” proposta por Benveniste (2020) e definida por ele como a capacidade do locutor de se propor como “sujeito”. Assim, o autor defende que, para ocorrer a enunciação, a linguagem precisa se converter em discurso, o que se dá pela inscrição do sujeito na língua, no gesto de ocupar a categoria de pessoa. Sobre isso, Benveniste nos diz:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade – que eu me torne tu na alocação daquele que por sua vez se designa eu [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo com eu no seu discurso. Por isso, eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo tu e que me diz tu [...] (Benveniste, 2020, p. 288).

Dito de outro modo, a subjetividade refere-se à capacidade do sujeito em utilizar a linguagem de forma pessoal e única, expressando suas emoções, pensamentos e experiências de maneira particular e autêntica na manifestação da identidade através da linguagem. Assim sendo, essa propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e pelo seu status linguístico.

Partindo desses apontamentos teóricos enunciativos, defendemos a semantização e significação na repetição de dizer na linguagem da criança autista, a partir da utilização da música numa situação específica, produzindo sentido de forma

muito singular. A semantização da língua compreende a atitude do sujeito ao fazer uso da língua em uma situação enunciativa específica, Benveniste coloca como princípio que:

o sentido de uma frase é outra coisa diferente do sentido das palavras que a compõem. O sentido de uma frase é sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego (sempre na acepção semântica). A partir da ideia, a cada vez particular o locutor agencia palavras que neste emprego tem um sentido particular (Benveniste, 2023, p. 229).

Benveniste reconhece que a significação na língua é um problema dos mais complexos para a Linguística. O autor inicia o texto “A Forma e o sentido na linguagem (1966)”, proferido em um congresso, comentando sobre essa complexidade, e aponta que a significação pode ser observada por meio dos níveis semântico e semiótico. É na direção de abordar a significação como um problema de língua e de linguagem que o linguista nos apresenta noções essenciais de sua teoria.

A significação da língua envolve duas formas de significância, uma relacionada ao sistema abstrato de formas linguísticas no qual importa a relação entre os signos, e outra relacionada ao uso da língua em um dado momento de enunciação, neste caso a relação dessas formas linguísticas envolve o contexto enunciativo. A partir dos seus estudos sobre a significação da língua, Benveniste (2023) avança nos estudos sobre o sistema estruturado da língua, mesmo conservando em muitos dos seus estudos, princípios do estruturalismo.

A partir dos estudos saussurianos, Benveniste ressalta que a abordagem da significação da língua ocorre a partir do seu próprio ponto de vista, ou seja, o linguista traz para seus estudos as noções de sistema, sintagma e signo (noções saussurianas) mas avança nas reflexões da significação na linguagem. Barros (2021) destaca que a linguagem do sujeito, sob ótica benvenistiana é analisada pela sua singularidade, pois para Benveniste:

há subjetividade e singularidade em cada ato de discurso. A enunciação, segundo ele, está para esse “colocar a língua em funcionamento”, pelo processo individual de fala, no qual considera discurso. A língua, na perspectiva benvenistiana, deve ser considerada, a partir do momento em que o sujeito que fala, através do ato enunciativo, se refere ao mundo (Barros, 2021, p. 197).

Desse modo, defendemos a repetição de trechos de músicas como uma maneira do sujeito autista utilizar o sistema linguístico e a identificamos como pertencente ao campo da metáfora enquanto uma transferência analógica de sentido a partir da leitura que Flores (2013) realizou da Teoria da Enunciação. Para isso,

resgatamos o conceito de metáfora que atravessa os estudos estruturalistas que tiveram interlocuções com a perspectiva enunciativa, a saber: Saussure, Jakobson e Benveniste.

2.2 Metáfora Enunciativa

A metáfora é uma ferramenta linguística que consiste em comparar dois elementos diferentes, estabelecendo uma relação de semelhança entre eles. Segundo Rocha:

Etimologicamente o termo metáfora tem origem na palavra grega *metaphorá*, palavra formada da união dos termos *meta* que significa "sobre" e *pherin* que significa "transporte", mais especificamente, estamos falando de um transporte de sentido. Esta figura de linguagem proporciona a expressão de ideias de uma maneira inovadora, liberta a palavra de seu sentido literal e permite novas interpretações da realidade (Rocha, 2010, p. 15).

Esta figura de linguagem consiste na substituição de um termo por outro através de uma relação de analogia. Foi definida inicialmente por Aristóteles nas suas obras sobre poética e retórica, como uma ferramenta da linguagem que consiste em transferir o sentido de uma coisa para outra. Trataremos aqui a metáfora a partir da leitura que Flores (2013) fez da Teoria enunciativa de Émile Benveniste, originária dos estudos estruturalistas de Ferdinand Saussure (2012).

Nesta seção retomamos o tema metáfora subtendido nos estudos estruturalistas saussureanos e seus desdobramentos na perspectiva funcionalistas de Jakobson (2010) e enunciativa de Benveniste (2023), tendo em vista que esses dois últimos pesquisadores reconhecem e avançam nos estudos de Saussure.

Embora a metáfora não constitua tema de investigação frequente nos estudos enunciativos, Flores (2013) traz em seu artigo “Enunciação e metáfora na linguagem da criança: um esboço de estudo” o texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, de Benveniste, publicado em 1963, abordando o fato de que o linguista francês já questionava, naquela época: “transferência analógica de denominações produzidas no discurso” (Benveniste, 2020, p. 40), o que Flores (2013) considera como semelhante a uma linguagem metafórica.

Analisamos neste estudo, a metáfora no campo da linguística enunciativa, diferentemente da metáfora enquanto figura de linguagem. Barros, Fonte e Souza (2020, p. 181), afirma que a noção de enunciação, que apresenta um locutor e um interlocutor, surge uma reflexão sobre a possibilidade da ecolalia, em determinadas cenas discursivas, representar papel análogo ao das metáforas. A metáfora enunciativa que aqui enfatizamos, ocorre no discurso, no processo enunciativo,

considerando o ato enunciativo, o locutor e alocutário, a cena, o momento e os instrumentos linguísticos.

Antes de adentrarmos neste tema, se faz necessário trazer estudos que serviram como ponto de partida, tanto para Émile Benveniste como para Roman Jakobson. Iniciaremos Uma leitura da metáfora a partir da Linguística Estrutural.

2.2.1 Uma leitura da metáfora a partir da Linguística Estrutural

Retomando os estudos estruturalistas, Saussure não trata diretamente da metáfora no CLG¹, mas manifesta-se através dela para apoiar suas preposições. As metáforas no Curso de Saussure iluminam aspectos importantes para compreender a proposta de sua linguística.

Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista genebrino que estruturou a Linguística como ciência autônoma, dando ênfase ao estudo da Língua, os quais serviram como base para ambos os autores acima citados. Saussure foi fonte de inspiração para Benveniste, que foi além dos postulados saussuriano e debruçou-se sob a perspectiva da constituição do sujeito linguístico, mostrando que a língua evolui no aspecto diacrônico e em constante movimento através da fala. De acordo com Saussure, a língua constitui uma sincronia que se prende a dois eixos: sintagmático e associativo (paradigmático). Na ideia de relação associativa e sintagmática pode-se vislumbrar uma ideia sobre metáfora, quando pensamos na metáfora como algo que está no lugar de outra coisa, como um movimento de substituição entre sintagmas.

Segundo Saussure, a língua constitui uma sincronia que se prende a dois eixos: sintagmático e associativo (paradigmático). O eixo sintagmático baseia-se no caráter linear do signo linguístico, ou seja, a língua é formada de elementos que se sucedem um após o outro, no qual uma palavra não pode ser apresentada ao mesmo tempo que a outra, “que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (Saussure, 2012, p. 171).

¹ O Curso de Linguística Geral (CLG), em francês: Cours de Linguistique Générale, é uma obra póstuma de Ferdinand de Saussure publicada em 1916, a obra, tal como a conhecemos hoje, foi editada por Albert Sechehaye e Charles Bally, com a colaboração de Albert Riedlinger, a partir de notas manuscritas do mestre genebrino e de alunos que assistiram ao curso.

Podemos exemplificar com a seguinte frase “o gato fugiu pela janela”, a palavra “gato” não pode ser pronunciada ao mesmo tempo que a palavra “fugiu”, nem ao mesmo tempo das palavras “pela” e “janela”. Essa cadeia é formada pelas relações sintagmáticas, combinatórias entre os elementos que a constituem.

No eixo associativo (paradigmático), utilizando a mesma frase “o gato fugiu pela janela”, se no lugar de “janela”, fosse pronunciado “porta” ou “buraco na parede”, estaria sendo estabelecida uma relação associativa, que segue o princípio da seleção (e substituição) de um elemento de um grupo de palavras que não estão presentes nesta cadeia apresentada. Este grupo de palavras se encontram na memória do falante, formando grupos em virtude de alguma semelhança entre eles, segundo Saussure (2012, p. 172).

No que se refere a metáfora no CLG, Saussure manifesta-se através de metáforas para apoiar suas preposições. Essas por sua vez, iluminam aspectos importantes para compreender a proposta de sua linguística. O autor não traz uma definição da metáfora na obra, mas faz uso dela para defender suas ideias. Um exemplo clássico é a metáfora do jogo de xadrez, na qual Saussure constrói uma relação metafórica entre o jogo de xadrez e o funcionamento da língua. De acordo com o autor:

De todas as **comparações** que se poderiam imaginar, a mais demonstrativa é a que se estabeleceria entre o jogo da língua e uma partida de xadrez. De um lado e de outro, estamos em presença de um sistema de valores e assistimos às suas modificações. Uma partida de xadrez é como uma realização artificial daquilo que a língua nos apresenta sob forma natural (Saussure, 2012, p. 130, grifo nosso).

Baseados nesta analogia saussureana, entendemos os movimentos das peças como os movimentos linguísticos realizados pelo sujeito na língua. Saussure não utiliza a expressão transferência analógica de sentidos, mas ao utilizar o termo comparações, o autor realiza essa transferência de sentidos quando transfere a ideia do movimento que acontece na língua quando o sujeito fala, para o tabuleiro de xadrez como se esse fosse um campo.

No xadrez, cada partida é única, no entanto os nomes e as funções das peças não mudam. Para ilustrar, apresentamos um quadro com as comparações entre o sistema linguístico e a partida do jogo de xadrez:

Quadro 1: Movimentos no jogo e no sistema

Sistema da Língua	Jogo de xadrez
Regras	Regras
As palavras na língua têm seu valor em oposição às outras dentro do discurso.	Valor das peças dependem da posição que ocupam dentro do tabuleiro uma em relação a outra.
Signos	Peças
Caráter linear / Sincronia.	Movimento de uma peça por vez.
Os “indivíduos” compõem diferentes frases e textos, todavia, a organização sintática se conserva, posto que o sistema da língua é arbitrário.	Cada partida é única, no entanto os movimentos devem ser obedecidos pelos jogadores, pois são arbitrários.
Movimento espontâneo.	Movimento premeditado.

Fonte: A autora, baseada em Rocha (2010).

Na língua, o movimento linguístico é espontâneo, no jogo de xadrez os movimentos são premeditados. Nesse ponto, segundo Saussure, é onde a comparação falha:

Existe apenas um ponto em que a comparação falha: o jogador de xadrez tem a intenção de executar o deslocamento e de exercer uma ação sobre o sistema, enquanto a língua não premedita nada; é espontânea e fortuitamente que suas peças se deslocam - ou melhor, se modificam (Saussure, 2012, p. 131).

É importante destacar que no jogo de xadrez, o objetivo é mover as peças e tomar ações dentro do sistema do jogo. Isso é diferente da língua, onde as palavras e regras não mudam de acordo com a vontade de uma pessoa. Um jogador de xadrez pode mover suas peças e tomar decisões, mas uma pessoa sozinha não pode mudar a língua sozinha. No CLG, Saussure (2012), afirma que que o sistema linguístico está sujeito a alterações, no entanto, não cabe ao falante alterá-lo, a língua assim seria intangível, mas não inalterável, sendo assim, as motivações de suas alterações seriam internas ao sistema, e não apenas no nível da fala:

(...) situada simultaneamente na massa social e no tempo, ninguém lhe pode alterar nada e, de outro lado, a arbitrariedade de seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias (Saussure, 2012, p. 116).

As regras e palavras da língua são parte de um sistema maior, e não podem ser alteradas por uma única pessoa. Outro ponto interessante dessa analogia refere-

se ao valor das peças em cada jogada em comparação ao valor linguístico e a produção de sentidos. Saussure afirma que:

Assim como, no jogo de xadrez, seria absurdo perguntar o que seria uma dama, um bispo ou um cavalo, considerados fora do jogo de xadrez, assim também não tem sentido, quando se considera verdadeiramente a língua, buscar o que é cada elemento por si mesmo. Ele nada é além de uma peça que vale por oposição às outras, segundo certas convenções (Saussure, 2002, p. 63).

Seguindo esse pensamento, entendemos que um signo pode atribuir múltiplos sentidos. Dito de outro modo, um signo, segundo Xavier:

pode apresentar diversos sentidos por meio das relações de diferenças estabelecidas entre si. Sendo assim, a metáfora pode ser compreendida no estruturalismo como uma relação de sentidos (Xavier, 2017, p. 22).

Saussure afirma ainda que, “uma forma não significa, mas vale: esse é o ponto cardinal. Ela vale, por conseguinte ela implica a existência de outros valores” (Saussure, 2002, p. 30). Portanto, aí estaria a metáfora: na existência de outros valores nas escolhas de sentido. Entre as diferentes concepções que surgiram no estudo do sentido figurado da linguagem, destacamos, a seguir, Jakobson (1975) que adepto às ideias de Saussure, lança as bases de um valoroso estudo sobre o carácter duplo da linguagem ao mencionar a metáfora e a metonímia.

Partindo dos estudos realizados por Saussure, Roman Jakobson (1896 - 1982), linguista russo, também vai além do pensamento do linguista genebrino. A partir dos eixos sintagmático e paradigmático, um dos pares saussurianos, Jakobson fez uma reflexão sobre a fala dos afásicos, percebendo que esta fala revela um assujeitamento a um funcionamento que é de ordem linguística. A partir desta evidência, Jakobson reconhece, nos distúrbios da fala dos afásicos, a presença dos modos de arranjo da linguagem.

Reinterpretando o que o linguista genebrino chamava de relação associativa e sintagmática para processos metafóricos e metonímicos, baseando-se, para tal, nas figuras de linguagem: metáfora e metonímia, Jakobson afirma que “todo signo linguístico implica dois arranjos: a combinação e a seleção” (Jakobson, 2010, p. 49). Assim, quando o sujeito produz um enunciado, recorre às relações sintagmáticas de combinação e às relações associativas/paradigmáticas de seleção ou substituição.

No decorrer do seu estudo, destacou que os distúrbios da fala podem afetar a capacidade que o indivíduo tem de combinar e selecionar as unidades linguísticas,

apontando dois tipos de distúrbios, o da similaridade e o da contiguidade, o que distingue dois tipos de afasia. No que se refere ao distúrbio da similaridade, a disfunção/dificuldade reside na seleção e substituição, enquanto a combinação permanece relativamente estável, sendo poupada apenas a estrutura e os elos de comunicação. Nesse caso, a contiguidade determina todo o comportamento verbal do afásico.

Já no distúrbio da contiguidade, ocorre o inverso; enquanto a seleção e a substituição permanecem intactas, é a combinação que fica afetada. Este distúrbio é caracterizado ainda pela diminuição da extensão e da variedade das frases, visto que neste tipo de afasia é afetada a função do contexto, o que tende a reduzir o discurso.

A partir de seu estudo sobre a afasia, Jakobson utiliza os termos propostos por Saussure, relações sintagmáticas e relações associativas, incorporando os processos metafóricos e metonímicos, como destacado no trecho abaixo:

O desenvolvimento de um discurso pode ocorrer segundo duas linhas semânticas diferentes: um tema (topic) pode levar a outro quer por similaridade, quer por contiguidade. O mais acertado seria talvez falar de processo metafórico no primeiro caso, e de processo metonímico no segundo, de vez que eles encontram sua expressão mais condensada na metáfora e na metonímia respectivamente (Jakobson, 2010, p. 69).

Segundo Flores e Milano (2016, p. 53), os polos são constituídos por correlações: seleção e substituição para o polo metafórico, combinação e contextura para o polo metonímico, essas correlações segundo os autores, aproximam-se dos eixos associativo e sintagmático de Saussure. Para Jakobson (2010), o processo metafórico consiste na seleção e substituição de um termo por outro, seguindo o critério de semelhança. Já o processo metonímico, apresenta como característica, a contiguidade, o que indica que envolve a combinação de itens verbais e o contexto em que unidades mais simples se incluem em uma unidade linguística complexa.

Jakobson afirma que “para estudar de modo eficaz qualquer problema ou ruptura nas comunicações, deve-se considerar, em primeira instância, a compreensão da natureza e a estrutura do modo particular que parou de funcionar” (Jakobson, 2010, p. 42), uma vez que a afasia é vista como uma perturbação da linguagem e que a linguística se interessa pela linguagem em todos os aspectos.

Para se dirigir à fala, Jakobson contempla a importância da seleção de entidades linguísticas escolhidas pelo emissor que, assim como evidenciava

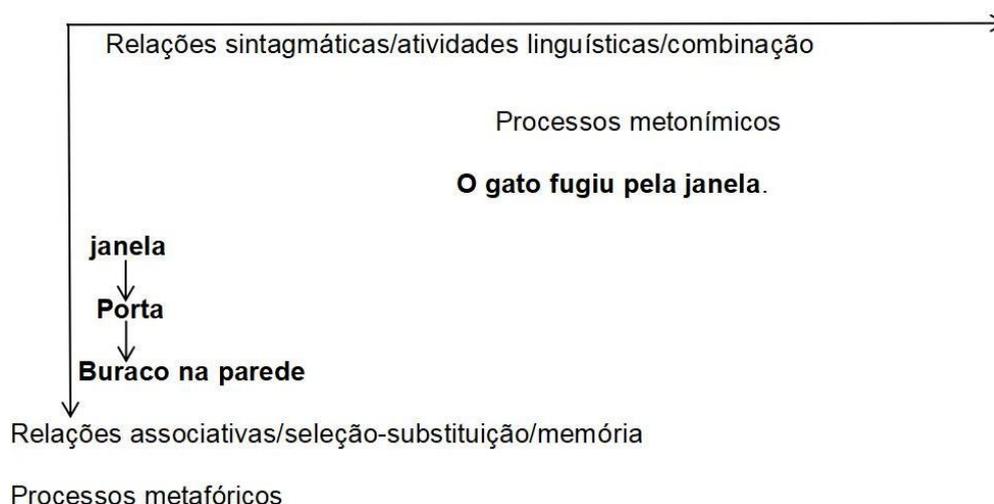
Saussure ao dirigir-se aos eixos de seleção e combinação, ao falarmos selecionamos palavras que precisam ser combinadas para que façam sentido. Assim, ao falar, combinamos fonemas que são conceituados por Jakobson como “feixes de traços distintos produzidos simultaneamente”. O autor ainda afirma que “mesmo quando outras combinações de fonemas são possíveis, o que fala é apenas um usuário, não um criador de palavras” (Jakobson, 2010, p. 47, 48).

Segundo Pires,

no uso da linguagem, o falante primeiramente seleciona palavras que expressam suas ideias em determinado contexto de uso. Posteriormente, combina os signos selecionados conforme as regras sintáticas da língua usada, de modo que constituam um enunciado, manifesto na superfície da frase, que faça sentido para seu interlocutor (Pires, 2013, p. 131, 132).

Exemplificamos da seguinte forma utilizando o exemplo dado anteriormente:

Figura 1 — Ilustração referente aos eixos sintagmático x associativo:



Fonte: A autora (2025).

As relações sintagmáticas e as associativas são relações diferentes, em que ambas segundo Saussure “correspondem a duas formas de nossa atividade mental” (Saussure, 2012, p. 171). Jakobson, a partir dos seus estudos com os afásicos, sobrevém no sentido de incluir o falante no funcionamento da língua instaurado por Saussure, afastando-se do clínico e partindo para o viés linguístico, como apontado anteriormente.

Partindo desse pressuposto, retornando paralelamente ao que Benveniste define como enunciação: “enunciação é este colocar em funcionamento a língua por

um ato individual de utilização” [...], o qual “pode ser estudados sob diversos aspectos” (Benveniste, 2023, p. 82), trazemos a partir das considerações de Flores (2013) aspectos de “uma outra abordagem, que consistiria em definir a enunciação no quadro formal de sua realização” (Benveniste, 2023, p. 83), como uma transferência analógica de sentido.

Considerando o ato enunciativo, o locutor e alocutário, a cena enunciativa, o momento do discurso e os meios linguísticos como afirmam Barros e Fonte (2021, p. 1990). Trataremos sobre a teoria da enunciação no ponto a seguir.

2.2.2 Por uma perspectiva enunciativa da metáfora

Émile Benveniste (1902 - 1976) foi um linguista francês, conhecido por seus estudos sobre as línguas indo-europeias e pela expansão do paradigma linguístico estabelecido por Ferdinand de Saussure. Por ser o introdutor da noção de enunciação, na Linguística de seu tempo, ele exerceu importante influência na elaboração do conceito fundamental nos estudos da linguagem: o discurso. Embora a metáfora não constitua tema de investigação nos estudos benvenistianos, trataremos este tema sob a luz da teoria enunciativa deste autor, tomando como base a leitura realizada por Flores (2013).

Nestes termos, não utilizamos o termo metáfora com características do ponto de vista cognitivo, abordarmos a metáfora sob a perspectiva enunciativa, na qual o sujeito realiza uma transferência de sentido por proximidade. Dito de outro modo, como “uma transferência analógica de denominações produzidas no discurso” como afirma Flores (2013, p.158).

O autor apresenta em seu texto “Enunciação e metáfora na linguagem da criança: um esboço de estudo” alguns apontamentos com o objetivo de explicar o que seria a metáfora nos estudos benvenistianos, destacando que metáfora não é um tema aprofundado nos estudos do linguista. Flores (2013) destaca ainda que nos textos de Émile Benveniste existem poucas passagens sobre metáfora. Uma dessas passagens em que o linguista apresenta o termo é no texto “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, publicado em 1963, no qual afirma que:

A linguagem oferece o modelo de uma estrutura relacional, no sentido mais literal e mais compreensivo ao mesmo tempo. Relaciona no discurso palavras e conceitos, e produz assim, como representação de objetos e de situações, *signos* que são distintos dos seus referentes materiais. Institui essas **transferências analógicas de denominações que chamamos metáforas**, fator tão poderoso do enriquecimento conceptual. Encadeia as proposições no raciocínio e torna-se no instrumento do pensamento discursivo. (Benveniste, 2020, p. 40, grifos nossos, *itálicos do autor*).

Neste trecho, Flores(2013) apresenta três apontamentos, o primeiro que a linguagem é uma estrutura relacional, o segundo que o termo de linguagem nesse contexto é no sentido de língua e terceiro, que essa relação entre palavra e conceitos produz signos distintos do que normalmente se poderia considerar seus referentes materiais. Estes três apontamentos, instituem, segundo o autor, transferências analógicas de denominações, as metáforas.

Transferências analógicas constituídas pelo locutor no seu discurso: tal noção de metáfora “não está na dependência de uma visão de sentido que suponha uma literalidade e uma conseqüente figuração. Ao contrário: trata-se de algo que se produz no instante mesmo em que se fala” (Flores, 2013, p. 162). Sobre essa questão, Benveniste (2023, p. 83) afirma que, na enunciação consideraremos sucessivamente o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização. Nessa perspectiva, acreditamos que a metáfora enunciativa é um arranjo de formas e sentidos que ocorre no uso da língua em interação com outros falantes e em diferentes situações. Dito de outro modo, a semantização da língua, que é o sentido dado no discurso pelo sujeito, ou seja, uma palavra ou expressão usada de forma simbólica para representar algo diferente, criando assim uma forma de se referir a outra coisa.

Ao interagir com os outros indivíduos, o sujeito atribui significados às palavras e expressões, possibilitando-lhes criar novos usos no discurso. É o que Flores chama de “uma transferência de sentido feita no discurso que produz uma nova designação” (Flores, 2013, p.162). Dito isto, partimos para o conceito de enunciação e a possibilidade de articulação da metáfora a essa teoria.

Em Problemas de Linguística Geral I (PLG I), Benveniste difere a linguagem de instrumento material, afirmando que:

Falar de instrumento, é por em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. [...] É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito;

porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”. [...] A subjetividade é entendida como a capacidade do locutor para se propor como “sujeito” (Benveniste, 2020, p. 282, 283, grifos do autor).

Assim sendo, essa propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e pelo seu status linguístico. O fundamento da subjetividade é linguístico, noção de personalidade, que Benveniste (2020) se preocupa em definir. Nela se ancoram as demais parceiras que demonstram o sujeito, a espacialidade e a temporalidade. A pessoa existe em qualquer língua e, por isso, a possibilidade da subjetividade na linguagem também. De acordo com Benveniste (2020, p. 287), a linguagem “é tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que nós nos perguntaríamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem”. Para se tornar sujeito, o locutor tem como condição necessária a linguagem, mas não só ela.

A subjetividade, pensada por Benveniste (2020), não é projetada no eu, mas sim na relação de intersubjetividade do par eu / tu, relação acontecida em um aqui / agora. Desse modo, a relação dos sujeitos é dialógica por natureza. Benveniste defende a ideia de que o sujeito, para se constituir como tal, precisa reconhecer o outro, não importando a gênese desse outro, que pode ser real ou imaginária.

Benveniste formula uma teoria da enunciação, que a concebe como uma instância de mediação entre a língua e a fala. Ao afirmar que “Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha locução um *tu*” (Benveniste, 2020, p. 283), o linguista aborda o par eu/tu como marcas da pessoa na enunciação, bem como para indicar o par sujeito/subjetividade no ato discursivo.

O autor afirma ainda que “é na instância de discurso na qual eu designa o locutor que este se enuncia como sujeito. É portanto verdade, ao pé da letra, que o funcionamento da subjetividade está no exercício da língua” (Benveniste, 2020, p. 285). Segundo o linguista francês, a categoria de pessoa é a primeira a instaurar e representar a subjetividade na linguagem.

O “eu significa a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém o eu. Instância única por definição e válida somente na sua unicidade”(Benveniste, 2020, p. 274), essa instância é a enunciação, que é, então, o ato de pôr em funcionamento a língua. As categorias de pessoa, de espaço e de tempo. Quando Benveniste deixa de considerar a fala, no sentido saussuriano, na verdade, começa a mostrar-nos que o produto da linguagem é regrado, é social. A

enunciação é a instância do ego, *hic et nunc*, ou seja, do eu, aqui e agora, porque, nela, alguém, num espaço e num tempo criados pela linguagem, toma a palavra e, ao fazê-lo, institui-se como “eu”, e dirige-se a outrem, que é instaurado como um “tu”. Isso é o conteúdo da enunciação.

O autor defende que, para ocorrer a enunciação, a linguagem precisa se converter em discurso, o que se dá pela inscrição do sujeito na língua, no gesto de ocupar a categoria de pessoa. Sobre isso, Benveniste nos diz:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade – que eu me torne tu na alocução daquele que por sua vez se designa eu [...] A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo com eu no seu discurso. Por isso, eu propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo tu e que me diz tu [...] (Benveniste, 2020, p. 283).

Dito de outro modo, a subjetividade refere-se à capacidade do sujeito em utilizar a linguagem de forma pessoal e única, expressando suas emoções, pensamentos, opiniões e experiências de maneira única e autêntica na manifestação da identidade através da linguagem ou seja, o sujeito utiliza o recorte do discurso do outro (repetição de dizer) atribuindo sentido ao seu discurso (enunciação), o que Flores (2013) chama de “transferência de sentido feita no discurso que produz uma nova designação”. O autor afirma ainda que :

O locutor produz metáfora ao transferir analogicamente, numa dada situação, sentidos que produzem, no discurso, novas denominações, ou seja, novos usos. Com isso, parece ser possível distanciar a noção de analogia sobre a qual Benveniste faz operar a ideia de metáfora da visão clássica de analogia associada à metáfora na retórica clássica (Flores, 2013, p. 162).

É importante destacar, que Flores (2013) esboça uma possibilidade de estudo da metáfora no quadro de uma teoria enunciativa. Seguindo esse pensamento, as autoras Barros, Fontes e Souza (2020, p. 180), compreendem existir “uma metáfora que acontece por transferência analógica, ou seja, ocorre um deslocamento que comporta uma similaridade dentro do discurso”. A metáfora para essas autoras, ocorreria no momento da enunciação, quando o “locutor enuncia ao alocutário sentidos que trazem novas designações ou novos usos” (Barros; Fontes; Souza, 2020, p. 181), entendemos que o discurso que comporta a similaridade seria a

música, ou seja os novos sentidos, as novas designações, os novos usos que a música tem para o sujeito autista que a utiliza como efeito de linguagem.

A partir da atualização do discurso pelo sujeito, Barros, Fontes e Souza (2020, p. 187), afirmam que para compreender a linguagem no autismo, “a criança deve ser significada pelo seu interlocutor” quando se fala em “transferência de sentido feita no discurso que produz uma nova designação”, acreditamos que a metáfora enunciativa na linguagem da criança autista, uma palavra ou expressão seja usada de forma simbólica para representar algo diferente, criando assim uma nova forma de se referir a outra coisa.

Neste contexto, a música parece ganhar contornos de uma transferência analógica de sentido no discurso do autista. É locus de deslize de significados entre o eixos associativo e sintagmático (Saussure) ou metafórico e metonímico (Jakobson), onde é possível observar movimentos do sujeito na linguagem.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo está fundamentado na teoria enunciativa do linguista francês Émile Benveniste, a partir da concepção de Flores sobre metáfora enunciativa. Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, que segundo Paiva,

acontece no mundo real com o propósito de compreender, descrever e, algumas vezes explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas, tais formas incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interações, de documentos etc. Esse tipo de pesquisa é também chamado de pesquisa interpretativa ou naturalística (Paiva, 2019, p. 13).

Buscamos nesta pesquisa, trazer a repetição de dizer a partir dos estudos de Barros (2025), de uma maneira diferente, como uma repetição de sentidos e não apenas como uma repetição descontextualizada, mas relacionada com a metáfora, como uma transposição analógica no discurso, ou seja, uma mudança de sentido a partir de uma análise de experiência individual.

3.1 Tipologia do estudo

Este estudo caracteriza-se do tipo estudo de caso, com ênfase nos processos linguísticos. De acordo com Paiva (2019, p. 65), o estudo de caso “é um tipo de pesquisa que investiga um caso particular constituído de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos em um contexto específico, é um estudo naturalístico porque estuda um acontecimento em um ambiente natural e não criado exclusivamente para a pesquisa”. A pesquisa qualitativa, exploratória, tipo estudo de caso, por sua vez, não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social (Gerhardt; Silveira, 2009).

3.2 Constituição do corpus

O material para esta pesquisa corresponde a dois tipos de fragmentos, com duas crianças em contextos diferentes: (1) registros de vídeos e áudios armazenados no banco de dados do Laboratório de Práticas de Linguagem do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), coordenados pelas Prof^{as}. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros e Prof^{as}. Dra. Renata Fonseca de Lima da Fonte. São vídeos de

natureza naturalística que registram os encontros de crianças autistas com interlocutores adultos, que são alunos dos cursos de graduação de Fonoaudiologia e Letras, do PPGCL e as coordenadoras do grupo. (2) fragmentos da pesquisa de Barros (2011) em um contexto clínico. Cada fragmento é composto por interações entre uma criança autista (com laudo) e interlocutores. O primeiro fragmento, a interação ocorreu em um Grupo de Acolhimento (uma criança e cinco interlocutores) e o segundo, em ambiente clínico de Fonoaudiologia (uma criança e um interlocutor).

3.3 O Grupo

O Grupo de Estudo e Acolhimento ao Espectro autista (GEAUT) destina-se ao acolhimento de crianças diagnosticadas autistas e a família, com o intuito de promover a constituição da linguagem, socialização e momentos de interação do sujeito autista e a utilização de estratégias de linguagem. É importante destacar que o GEAUT não é um grupo terapêutico, com finalidades clínicas. Foi criado em 2012 pelas professoras e pesquisadoras Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros e Dra. Renata Fonseca de Lima da Fonte, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP.

O grupo atende crianças de 3 a 12 anos, promovendo desenvolvimento de várias atividades com foco nos diferentes movimentos de linguagem e interação das crianças com os interlocutores (estudantes de graduação, iniciação científica, mestrandos, doutorandos e pesquisadores).

3.4 Seleção do corpus

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: crianças de ambos os sexos, sem comorbidades, que envolvam a música em sua linguagem na interação com os interlocutores do Grupo de Estudos e Acolhimento ao Espectro Autista. O primeiro fragmento constitui uma gravação de um encontro do GEAUT entre uma criança e 5 interlocutores. A criança de 7 anos, do sexo feminino, já chegou ao GEAUT com diagnóstico de TEA e apresenta interesse por músicas infantis (em especial, a música do jacaré, presente na maioria dos encontros). Também foi utilizado fragmentos dos estudos de Barros (2011), em um contexto clínico com uma

criança também de 7 anos, do sexo masculino e a fonoaudióloga. A criança apresentava a união de canções “o sapo não lava o pé” e “eu vi o sapo em seu discurso”.

3.5 Procedimentos e critérios para análise dos dados

Os dados foram analisados e interpretados com base na Teoria enunciativa a partir da leitura de Flores (2013) como já mencionamos, através da qual buscamos compreender e explicar o problema que é objeto de estudo da pesquisa o qual pode ser formulado nos seguintes termos: A música produz efeitos sobre a linguagem da criança com diagnóstico de autismo?

Foram realizadas transcrições e análises dos dados, transcrições de gravações, releitura do material, organização dos relatos e dos dados da observação, enfatizando os possíveis movimentos de linguagem dessas crianças utilizando a música. Em seguida, foi realizada a interpretação dos resultados e seu confronto com a fundamentação teórica.

3.6 Normas éticas

Este estudo está vinculado a pesquisa Título da Pesquisa: Aquisição e transtornos de linguagem: um estudo enunciativo-multimodal CAAE: 81059524.8.0000.5206, Número do Parecer: 6.919.038. Projeto de pesquisa em equipe coordenado pela Profa. Dra. Renata Fonseca Lima da Fonte no qual a Profa. Dra. Isabela Barbosa do Rêgo Barros participa, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco.

4 . ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os fragmentos selecionados para esta análise foram coletados do banco de dados do GEAUT e fragmentos retirados do *corpus* de Barros (2011) em um contexto clínico. A transcrição foi realizada de acordo com a seguinte ordem: informações gerais, data da coleta, idade da criança situação de interlocução.

Ressaltamos que a parti dos fragmentos aqui expostos, a discussão se apresenta sob a perspectiva da metáfora enunciativa e não do ponto de vista cognitivo, ou seja, como uma figura de linguagem que consiste na substituição de um termo por outro. Enfatizamos neste estudo, a transferência analógica de sentido realizada no discurso que produz uma nova designação, na qual o sujeito ocupa uma posição enunciativa e faz a língua entrar em funcionamento.

A primeira análise corresponde ao fragmento coletado do banco de dados do GEAUT, datado de 2024. Nomeamos esse primeiro fragmento de Caixa Musical, o qual dividimos em 4 cenas enunciativas. A segunda, corresponde a fragmentos retirados do *corpus* de Barros (2011) em um contexto clínico.

Os dados abaixo, extraídos para a primeira análise, dizem respeito às situações lúdicas que ocorrem no grupo, que foram divididos em 4 partes. Nas cenas, a interação ocorreu entre a criança e cinco interlocutores. Na sala de interação, foi colocado uma caixa musical (material elaborado por @_materiaiseducativos / P. Natália Rodrigues, vendido pelo instagram e adquirido e montado por um dos interlocutores.

A caixa musical, continha várias músicas, cada música era representada com um desenho para ilustrá-la e facilitar a identificação dela, no verso estava impressa a letra da música. Quando a criança entra na sala, vai em direção ao armário onde estão os brinquedos.

Quadro 2. Cena enunciativa 1: Interação entre a criança e dois interlocutores

1	Interlocutor A	Você quer ver aqui a caixinha? Não?	Aponta para a caixa em cima da mesa
2	Criança	jacaié	Olha para os brinquedos
3	Interlocutor A	Vai querer pegar o jacaré?	Observa a criança
4	Criança	jacaié	Pega um carrinho
5	Interlocutor A	Lá em cima	Aponta para o jacaré (brinquedo)
6	Criança	(Som incompreensível)	Olha para o jacaré de brinquedo, mas continua com o carrinho

7	Interlocutor A	Pega!	Observa a criança em direção a mesa
8	Criança	la um um um	Canta algo
9	Interlocutor A	Vai brincar com o carrinho?	Observa a criança
10	Criança		Brinca com o carrinho em cima da mesa
11	Interlocutor A	Que tal a gente colocar alguém pra passear no carrinho? O que que tu acha?	Vai em direção ao armário, pega quatro peças pequenas de outro brinquedo: jacaré, caranguejo, lagosta e um cavalo marinho,
12	Criança	(Som incompreensível)	Observa o interlocutor, segurando o carrinho com uma mão, pega a caixa com a outra e e brinca
13	Interlocutor A	Sabe quem são esses? Olha! Sabe quem são esses ó?	Mostra as peças a criança
14	Criança	(Som incompreensível)	Olha para as peças, mas continua brincando com o carrinho
15	Interlocutor A	Coloca eles ali pra passear no carro!	Entrega uma peça a criança
16	Criança	jacaié	Pega as peças e vai colocando no carro uma a uma
17	Interlocutor A	É o jacaré	Observa a criança
18	Criança	(Som incompreensível)	Pega mais uma peça
19	Interlocutor A	Esse parece ser um polvo, um cavalo marinho e quem é esse?	Aponta para ultima peça entregue a criança
20	Criança	caranguezo	Observa a peça
21	Interlocutor A	Como é que o caranguejo faz? Tu sabe? As patinhas dele ó! ó! As patinhas do caranguejo	Faz movimentos com as mãos
22	Criança		Repete os mesmos movimentos coma as mãos, imitando o interlocutor
23	Interlocutor A	Vai colocar ele aí pra dar uma voltinha?	Aponta para o carrinho
24	Criança	O jacaié	Brinca com o carrinho
25	Interlocutor A	Olha ele aqui!	Aponta para o jacaré em cima do carrinho
26	Criança	O jacaié	Continua brincando com o carrinho, derrubando o caranguejo
27	Interlocutor A	Opa! Quem caiu? Alguém caiu! Quem foi? Foi o caranguejo, vou colocar ele de volta, coloca ele aí pra passear	Coloca o caranguejo no carrinho
28	Criança	(Som incompreensível)	Continua brincando com o carrinho
29	Interlocutor A	Tá passeando é? tá cantando uma música? Que música é essa?	Observa a criança
30	Criança	I tiaaa um	Senta no chão e começa a tirar os sapatos
31	Interlocutor A	Você vai tirar? Você vai tirar os sapatos?	Observa a criança

32	Criança	tiaaaaa	Tira os sapatos, pega o carrinho e começa a brincar no chão
33	Interlocutor B	Cadê? Joga pra mim!	Espera a criança jogar o carrinho
34	Criança	(Som incompreensível)	Continua a brincar com o carrinho e derruba o jacaré
35	Interlocutor A	Ele tá girando é? ele deu a volta? Dessa vez quem caiu? Dessa vez quem caiu foi o? jacaré! Pega o jacaré!	Senta no chão e pergunta a criança
36	Criança	jacaié	Pega o jacaré, observa e coloca de volta no carrinho
37	Interlocutor A	Tu gostou dele? Tu sabe como é que ele faz? Assim ó!	Faz movimentos com as duas mãos simulando a boca do jacaré

Nesse primeiro momento da interação, percebemos que a criança chega na sala procurando o jacaré. Nas linhas 2, 4, 16, 24, 26 e 36 percebemos a repetição da palavra 'jacaié'. Vale lembrar que em outros momentos de interação em outros encontros do grupo, a criança repete parte da música do jacaré, (música infantil de Bia Bedran, cantora, compositora e contadora de histórias). Destacamos que, nesta primeira cena, embora a criança já chega na sala procurando o jacaré, não fica claro para os interlocutores se as repetições da palavra jacaié pela criança indicam o brinquedo ou a música, embora o interlocutor tenha apontado para o brinquedo, a criança lança o olhar para o objeto, mas não pega.

Segundo Barros e Fonte (2021, p. 192), “as repetições de palavras e frases quando se tornam persistentes tomam forma de um discurso ecolálico”. Apontamos a ecolalia neste contexto sob o viés enunciativo, como um movimento de linguagem, pois a criança “põe a língua em funcionamento em uma ação individual de utilização do sistema linguístico”, através da ecolalia (Barros e Fonte, 2021, p.191,192).

Analisemos a seguir a segunda cena, na qual acreditamos que a repetição da palavra aponta para a música, pois neste momento o discurso da criança é significado pelo interlocutor.

Quadro 3. Cena enunciativa 2: Interação entre a criança e dois interlocutores

1	Criança	(som melodioso, mas incompreensível)	Coloca o carrinho em cima da mesa cantarolando
2	Interlocutor A	Que música é essa?	Pergunta a criança querendo entender qual música ela está cantando
3	Interlocutor B	Tu não quer um microfone não? Ó o microfone pra tu cantar!	Entrega um microfone de papel que tirou de dentro da caixa

4	Interlocutor A	Que música é essa que você quer que eu cante?	Pergunta olhando para a criança
5	Criança	gezu	Coloca o microfone na direção do interlocutor
6	Interlocutor A	Música de Jesus? Qual é música de Jesus?	Pergunta a criança
7	Criança	jacaié	Vira-se e volta a brincar com o carrinho
8	Interlocutor A	Do jacaré? Tu sabe a música do jacaré?	Pergunta a interlocutor B
9	Interlocutor B	Quem sabe é interlocutor C	Responde para o interlocutor A
10	Criança	(som melodioso, mas incompreensível)	Cantarolando, brinca com o carrinho em movimentos de vai e vem
11	Interlocutor A	Que música é essa?	Pergunta a criança
12	Criança	Gia um, gia um	Brinca com o carrinho na mesa
13	Interlocutor B	É a da roda do ônibus é? Como é essa?	Pergunta a criança
14	Criança	Oda oda pea idade	Canta, bate a mão na mesa e sorrir
15	Interlocutor A	Pela cidade!	Canta e entrega um microfone para a criança
16	Interlocutor B	A roda do ônibus roda, roda, roda, roda, roda, roda! A roda do ônibus roda, roda, pela cidade	Canta a música

Nessa cena enunciativa, na linha 7 percebemos a repetição da palavra jacaré novamente. Em alguns momentos a criança emite um som melodioso, mas de difícil compreensão, nas linhas 4, 6, 8, 11 e 13, os interlocutores validam esse som, indagando a criança tentando compreender qual música ela está cantando, os interlocutores presentes na sala afirmam não conhecer a música do jacaré. Em seguida, indagada mais uma vez, a criança canta um trecho de outra música, nesse momento, chega na sala o interlocutor C, que já entra na sala observando o contexto e inicia o próximo trecho da música que os outros interlocutores estão cantando.

Embora não fique claro o sentido atribuído a essa repetição da palavra jacaié, acreditamos que ela aponta para um pedido da música, já que a criança sabia onde estava o brinquedo. A partir da atualização do discurso pelo sujeito, Barros, Fontes e Souza (2020, p. 187), afirmam que para compreender a linguagem no autismo, “a criança deve ser significada pelo seu interlocutor”, desse modo lançamos olhar para a forma como a criança autista se constitui na linguagem como sujeito (gerenciamento da língua por parte do locutor e implicando um alocutário), ou seja, como esse sujeito se enuncia, distinguindo a repetição de dizer da repetição de

palavras (ecolalia), levando em consideração o contexto em que esse ato enunciativo ocorre, pois como mencionado anteriormente, em outros momentos de interação em outros encontros do grupo, a criança repete parte da música do jacaré .

A partir desse viés, compreendemos o sujeito que faz uso da repetição, pondo a língua em funcionamento, implicando um tu, pois para Benveniste, o sujeito se constitui na e pela linguagem.

Quadro 4. Cena enunciativa 3: Interação entre a criança e três interlocutores

1	Interlocutor C	A porta do ônibus abre e fecha, abre e fecha, abre e fecha, a porta do ônibus abre e fecha pela cidade	Canta olhando para a criança
2	Interlocutores A, B e C	Os passageiros sobem e descem, sobem e descem, sobem e descem, os passageiros sobem e descem, sobem pela cidade	Todos cantam
3	Criança		Continua brincando
4	Interlocutor A		Entrega um microfone para a criança
5	Criança		Pega o microfone e entrega ao interlocutor C
6	Interlocutor C	A buzina do ônibus faz bi, bi, bi, bi, bi, bi, bi, bi, bi, a buzina do ônibus faz bi, bi, bi pela cidade!	Pega o microfone e canta
7	Criança		Bate palmas e pula para recepcionar mais dois interlocutores que chegaram
8	Interlocutores D e E	Pela cidade!	Entram na sala acompanhando a música
9	Criança	O jacaré	Bate palmas
10	Interlocutor B	Olha o jacaré!	Olha para o interlocutor D
11	Interlocutor D	O jacaré foi passear lá na lagoa! O jacaré foi passear lá na lagoa! Foi por aqui! Foi por ali! Foi por aqui! Foi por ali! Aí ele parou, ele olhou e viu um peixinho! Abriu a boca e nhá! Não comeu o peixinho! E agora? O que será que ele fez?	Bate palmas e faz movimentos indicando os lados, imita a boca do jacaré com as mãos
12	Criança		Bate palmas e pula, para e sorri
13	Criança	O jacaré foi passia na logoa	Bate palmas e canta
14	Interlocutores A, B, C e D	O jacaré foi passear lá na lagoa! O jacaré foi passear lá na lagoa! Foi por aqui! Foi por ali! Foi por aqui! Foi por ali!	Cantam
15	Criança		Pula, bate palmas, sorri e vai brincar com o carrinho na mesa
16	Interlocutores A, B, C e D		Param de cantar
17	Criança	Aí ele olho viu um pexinho	Põe as mãos no rosto e canta
18	Interlocutor D	Nhami, nhami, nhami	Imita a boca do jacaré com as mãos
19	Criança		sorri
20	Interlocutor C	Mas ele não comeu o peixinho	canta
21	Criança	O jacaré foi passia na logoa	Bate palmas e canta
22	Interlocutores A, B, C e D	O jacaré foi passear lá na lagoa! O jacaré foi passear lá na lagoa! Foi por aqui! Foi por ali! Foi por aqui! Foi por ali!	Todos cantam e batem palmas
23	Criança	Aí ele parô, oiô	Pega o carrinho e volta a brincar, depois volta ao centro da sala, põe a mão no rosto e canta
24	Interlocutor C	Viu?	Pergunta a criança

25	Criança	Viu um pexinho	Canta e bate palmas
26	Interlocutores A, B, C e D	Abriu a boca e nhá!	Imitam a boca do jacaré com as mãos
27	Criança	Aí, ele paiô,oiô ele sentô, ele sentô!	Começa a cantar novamente um trecho da música e em seguida canta trecho de outra música
28	Interlocutor D	Ele sentou! Ele sentou! Sentou bem rapidinho, sentou bem rapidão!	Canta
29	Interlocutor B	Que música é essa?	Pergunta ao Interlocutor D
30	Interlocutor D	É o final da música! Ele sentou! Ele sentou! Sentou bem rapidinho, sentou bem rapidão!	Responde e canta novamente
31	Interlocutor C e D	O jacaré foi passear lá na lagoa! O jacaré foi passear lá na lagoa! Foi por aqui! Foi por ali! Foi por aqui! Foi por ali!	Coloca a música do jacaré pra tocar no celular e começam a cantar
32	Criança		Pega o carrinho e senta no chão
33	Interlocutor B	Cadê o peixinho?	Pergunta a criança
34	Interlocutor D	Abriu a boca e nhá! Bora colocar o jacaré pra passear no carrinho!	Imita a boca do jacaré com as mãos, depois pega o jacaré que ficou em cima da mesa e cola no carrinho

Na linha 9, percebemos a repetição da palavra jacaié, assim que os interlocutores D e E entram na sala, lembramos que os interlocutores A e B já tinham afirmado que não conheciam a música, entendemos nesse momento da cena a repetição como um pedido da música. Nos indaga a seguinte questão: A repetição da palavra jacaié nesse contexto aponta para semantização da língua? Acreditamos que sim, nesta cena enunciativa ocorre a analogia tratada por Benveniste, não a transposição do real para o figurado, mas, a criação de um novo sentido, que é “constituído no instante da enunciação” como afirma Barros e Fonte (2021, p. 199).

Compreendemos a repetição neste contexto como um deslizamento do significado sobre o significante, a criança dá sentido a palavra jacaié, referindo-se a música e não apenas ao brinquedo. Isso nos leva a teoria do signo e à análise da significância, que são formas de estudar como as palavras têm significado e como elas interagem umas com as outras. Benveniste afirma que:

O que em geral caracteriza a enunciação é a **acentuação da relação discursiva com o parceiro**, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo. Esta característica coloca necessariamente o que se pode denominar o quadro figurativo da enunciação (Benveniste, 2023, p. 87, grifos nossos).

Destacamos aqui a subjetividade, pensada por Benveniste (2020), que não é projetada no eu, mas sim na relação de intersubjetividade do par eu / tu, relação acontecida em um aqui / agora. O linguista afirma ainda que “desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si” (Benveniste, 2023, p. 84). Neste recorte enunciativo pensamos que a criança assume a língua e se declara locutor, implantando o outro (interlocutor D) diante de si.

Quadro 5. Cena 4: Repetição de dizer como produção de sentido / metáfora enunciativa:

1	Interlocutor D		Levanta e pega a caixa musical
2	Interlocutor B	Vamos cantar? Pega o microfone pra cantar com ele!	Fala pra criança
3	Criança		Continua brincando com o carrinho no chão
4	Interlocutor D	Vamos cantar? Vou deixar você escolher vá! Pega o microfone!	Senta no chão ao lado da criança, pega um microfone e aponta para a criança
5	Criança	Oiô, o jacaié	Canta
6	Interlocutor B	O jacaré foi passear lá na lagoa!	Canta
7	Interlocutor D	O jacaré foi passear lá na lagoa! Foi por aqui! Foi por ali! Foi por aqui! Foi por ali!	Canta
8	Criança		Pega a caixa e afasta do interlocutor D, pega o carrinho e começa a brincar
9	Interlocutor D	Aí ele parou, olhou, viu um peixinho, canta! Abriu a boca e nhá!	Pega a caixa e continua cantando, pega um microfone aponta para a criança e pede pra ela cantar
10	Criança	Nhá!	Canta olhando para o interlocutor D
11	Interlocutor A	Aprendeu a música todinha não foi?	Pergunta a criança
12	Criança		Volta a brincar com o carrinho no chão
13	Interlocutor D	Vamos cantar outra música? A roda do ônibus roda, roda, roda, roda, roda, roda! A roda do ônibus roda, roda, pela cidade	Começa a cantar e pega a caixa musical, tira um microfone
14	Interlocutor A e B	A roda do ônibus roda, roda, roda, roda, roda, roda! A roda do ônibus roda, roda, pela cidade	Cantam
15	Interlocutor A e B, C e D	Os passageiros sobem e descem, sobem e descem, sobem e descem, os passageiros sobem e descem, sobem pela cidade!	Cantam
16	Interlocutor D	Olha! Vamos fazer o seguinte, vamos cantar a música que estiver aqui dentro ó, você pega um envelopizinho e a gente vai cantar, cuidado pra não rasgar, é só uma	Balança a caixa e mostra a criança
17	Criança		Pega a caixa e vira caindo as fichas das músicas no chão
18	Interlocutor A	Eita caiu tudo! Só uma, é só uma, vamos colocar de volta! Aí a gente pega uma!	Ajuda a criança a pegar as fichas colocar dentro da caixa
19	Interlocutor D	Qual que a gente vai cantar? Vou balançar	Pega a caixa e balança

20	Interlocutor C	Quem vai pegar primeiro?	Pergunta
21	Interlocutor D	Vou deixar ela pegar primeiro	Mostra a caixa para o interlocutor A
22	Interlocutor A	Fui morar numa casinha nhá. Infestada da de cupim pim pim. Saiu de lá lá lá. Uma lagartixa xá. Olhou pra mim. Olhou pra mim e fez assim	Pega uma ficha olha o desenho e começa a cantar e fazer gestos com as mãos
23	Criança		Vira pega o carrinho e vai brincar
24	Interlocutor C	Agora é você! Você vai tirar da caixa?	Pergunta a criança
25	Interlocutor B	Cadê? Pega lá!	Pede para a criança tirar uma ficha da caixa
26	Interlocutor D	Tira um aqui vai!	Mostra a caixa para a criança
27	Interlocutor A	Vem cá! Tira um aqui!	Pede para a criança tirar uma ficha da caixa
28	Criança	Tia um	Olha para a caixa e fala
29	Interlocutor A		
30	Interlocutor D	Tira um aqui vai	Mostra a caixa musical para a criança
31	Interlocutor A	Vem cá, tira aqui uma	Aponta para a caixa
32	Criança	Tiaaaa ummmm	Observa a caixa
33	Interlocutor D	Eu vou tirar então, ela está muito devagar vou escolher um. Hiiii olha só!	Balança a caixa e tira uma canção
34	Criança	Tchutchuê Tchutchuê	Canta
35	Interlocutor D	“ Meu amigo, vou respeitar”, conheço não, tu conhece?	Olha para a canção que tirou da caixa
36	Interlocutor A	Não	Pega a canção do interlocutor D
37	Criança	Motoista, motoista, oia o poste, oia o poste, NÃO é de boacha, NÃO é de boacha	Olha para baixo e pega o brinquedo
38	Interlocutor B e D	Não é de borracha, não é de borracha, vai bater, vai bater	Cantam a mesma canção
39	Criança	O jacaíé	Olha para os interlocutores
40	Interlocutor D	O patinho	Tira outra canção da caixa
41	Criança	O jacaíé	Olha para baixo e faz movimento de vai e vem com o brinquedo
42	Interlocutores A, B e D	Cinco patinhos foram passear, além das montanhas para brincar...	Cantam a canção que o interlocutor D tirou da caixa musical
43	Criança		Dá as costas para os interlocutores
44	Interlocutor A	Vem cantar com a gente	Chama a atenção da criança
45	Criança		Levanta e vai procurar outro brinquedo
46	Interlocutor A	Vem	
47	Criança		Continua a procurar pela sala outros brinquedos, leva o carrinho para brincar na mesa

48	Interlocutores	Vc conhece essa?	Acompanham a criança, levando a caixa musical, estimulando a criança a participar, tirando músicas da caixa
49	Interlocutor C	Você conhece essa?	Mostra a ficha da música dos indiozinhos
50	Criança	Jacaré	Aponta para o jacaré de brinquedo na estante
51	Interlocutor A	Pega o jacaré	Pede para o interlocutor D
52	Interlocutor D		Pega o jacaré e põe sobre a mesa
53	Criança	O jacaré foi passar lá na lagoa	Começa a cantarolar a música do jacaré
54	Interlocutor D	De novo?	Pergunta a criança
55	Interlocutores	O jacaré foi passear lá na lagoa! Foi por aqui! Foi por ali! Foi por aqui! Foi por ali!	Todos cantam a música

Nas quatro cenas enunciativas a criança repete a palavra jacaré, seria a repetição aqui uma forma particular de pedir que os interlocutores cantem a música do jacaré? Acreditamos que sim. Na cena enunciativa 4, percebemos que a criança utiliza na linha 37 um trecho de uma música “Motoista, motoista, oia o poste, oia o poste, **não** é de boacha, **não** é de boacha” (música do compositor João Walter Plinta) atribuindo um novo sentido ao discurso. Destacamos dois esboços de possibilidades de estabelecer analogias no ato discursivo.

A primeira, como uma forma particular de informar que não quer participar da atividade proposta no momento, instaurando uma nova designação. Embora demonstre interesse por músicas, naquele momento específico demonstra que não é aquela música que deseja cantar, mas sim quer mostrar aos interlocutores sua preferência pela música do jacaré, Flores (2013, p. 187) afirma que, para Benveniste, a língua deve ser considerada no momento que o sujeito que fala, através do ato enunciativo, se refere ao mundo, e parece que o interlocutor atesta essa referência. Desse modo, afirma ainda que a criança deve ser significada pelo interlocutor, considerando todas as suas manifestações enunciativas, colocando-a por inteira no universo da linguagem.

A segunda, a criança nesse contexto, utiliza a música como forma de sinalizar que também não sabe essa música, tendo em vista que os interlocutores nas linhas 35 e 36 estavam falando sobre isso e a criança inseriu na conversa utilizando o trecho da música (linha 37). Para Barros (2024, p. 207) “a música quando cantarolada insistentemente pelo autista parece revelar o agenciamento de palavras

colhidas do dizer do outro, mas que guarda, no engajamento subjetivo, o próprio dizer do autista”. Nesse contexto, Ferreira Júnior (2014, p. 152) afirma que “se a criança insiste na retomada de uma fala, é porque busca instaurar, a partir de uma estrutura linguística repetível, novos sentidos na relação discursiva com o outro, e isso lhe é garantido pelas condições próprias à enunciação”. Constatamos isso quando ela repete na linha 39 e 41, “o jacaié”.

Segundo Barros, “ao fazer uso da língua de maneira individual, o autista se enuncia” (Barros, 2011, p. 103). O que antes seria uma repetição de dizer, na verdade tem uma nova designação, um novo sentido atribuído pelo uso individual da língua pelo sujeito. A autora afirma ainda que “há uma realização vocal e conversão individual da língua em um discurso, que definem a enunciação em Benveniste (2023), porém de uma maneira especialmente única” (ibidem).

Para além de uma repetição de dizer, acreditamos que houve um deslize entre os eixos sintagmático e associativo, que foi significada pelo interlocutor. Para Barros, “quando o interlocutor escuta o insistente cantarolar de uma música, em uma aparente repetição de dizer fora do contexto, as distorções na linguagem do autista ganham sentido” (Barros, 2024, p. 206). Percebemos que o interlocutor D, na linha 33 validou a fala da criança da linha 32, em tirar uma música. Nas linhas seguintes percebemos a repetição da palavra jacaré, como um pedido da música, essa repetição só é cessada quando os interlocutores validam a repetição da palavra pela criança como um pedido para que a musica do jacaré seja cantada por eles novamente.



Fonte: autora (2025).

Neste trecho enunciativo entendemos acontecer a transferência analógica de sentido, produzida no mesmo instante em que se fala, como afirma Flores:

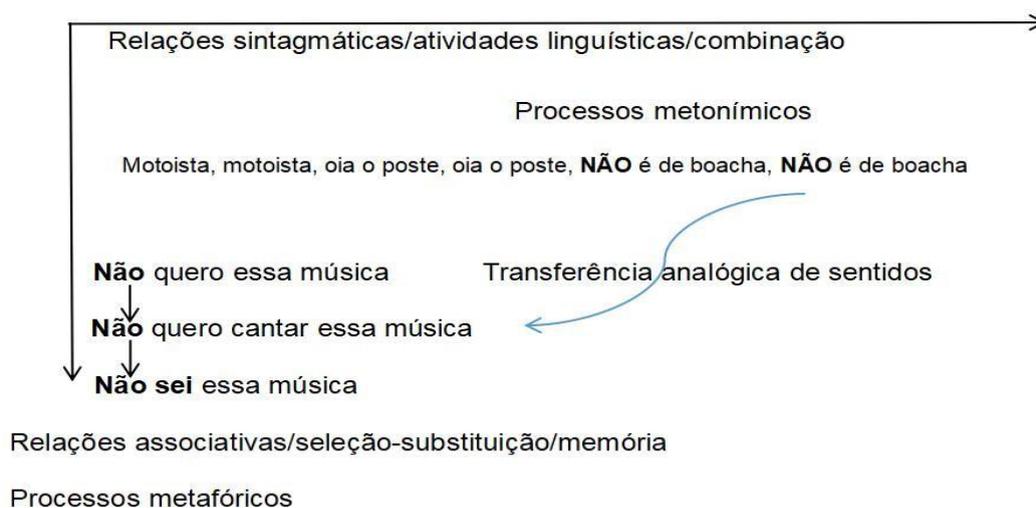
O locutor produz metáfora ao transferir analogicamente, numa dada situação, sentidos que produzem, no discurso, novas denominações, ou seja, novos usos (Flores, 2013, p. 162).

Corroborando com esse pensamento, Souza (2017, p. 41) afirma que “não seria uma transposição do real para o figurado, mas a criação de um novo sentido, constituído no instante da enunciação”. De acordo com Barros:

atribuir uma intenção ao discurso do autista, atrelando um significante a um significado, a partir de um suposto entendimento sobre “o que se quis dizer” não deve ser visto como a única forma de pensar sobre a linguagem no autismo. **É preciso entender o lugar ocupado pelo autista na linguagem, que, de certo, tem como em toda relação um sentido** (Barros, 2011, p. 108, grifos nossos).

Exemplificamos da seguinte forma utilizando o fragmento colocado anteriormente:

Figura 2 — Transferência analógica de denominações no discurso (fragmento 1)



Fonte: autora (2025).

A partir deste primeiro fragmento, compreendemos existir um deslize entre o significante e o significado, compreendendo a transferência analógica de sentido. Segundo Barros e Fonte, “podemos compreender existir uma metáfora que acontece por transferência analógica, ou seja, ocorre um deslocamento que comporta uma similaridade dentro do discurso” (Barros e Fonte, 2021, p. 199), o que nos faz retomar a perspectiva jakobsoniana. Segundo Jakobson (2010), o processo metafórico consiste na seleção e substituição de um termo por outro, seguindo o critério de semelhança.

Assim, percebemos que o discurso que se caracterizava como uma repetição de dizer sem sentidos, adquiriu novos usos a partir do contexto em que o sujeito estava inserido, a partir da significação do interlocutor, indicando a subjetividade nessa fala. Na qual o sujeito atribuiu um novo sentido no momento em que se enunciou. Defendemos aqui a enunciação e a transferência analógica de sentidos

ocorrendo simultaneamente, quando o eu (criança) assume o papel do locutor, implicando um tu numa situação específica.

A segunda análise corresponde ao fragmento coletado do corpus de estudos de Barros (2011) em um contexto clínico. O fragmento se alterna entre a fala da criança (7 anos) e a fala da fonoaudióloga, em sessão terapêutica.

Quadro 6. Sessão de terapia com a fonoaudióloga.

	Estênio	Isabela (Fonoaudióloga)	Cena
1	O sapo não lava o pé, não lava		Inicia a canção
2	Porque não quer ele mora lá na lagoa não lava o pé porque não quer, mas que chulé	Porque não quer ele mora lá na lagoa não lava o pé porque não quer, mas que chulé	Acompanha a criança na canção
3	Eu vi o sapo		A criança faz o encadeamento com outra canção
4	Na beira do rio de camisa verde morrendo de frio frio frio. Não era sapo nem perereca	Na beira do rio de camisa verde morrendo de frio frio frio. Não era sapo nem perereca	Mais uma vez a fonoaudióloga acompanha
5	Era Nando só de cueca eca eca. O sapo não lava o pé, não lava porque não quer ele mora lá na lagoa não (3s) por que não quer, mas que chu posso guardar?		Estênio apresenta a ecolalia "posso guardar?"
6		Tu queres guardar de novo? Tu pode falar, tu pode brincar....	
7	Posso guardar? (...)		
8		Pode. Você pode fazer o que quiser. Queres fazer uma linha? Faz uma linha?	
9	O sapo não lava o pé, não lava porque não quer		
10		Hoje tás afim de fazer linha não, né?	

A transferência analógica de sentidos é concebida a partir do uso da música pelo sujeito, como repetição de dizer, ou seja, um deslize de significados entre os eixos associativo e sintagmático, que ocorre primeiramente na seleção, entre a diversidade de sintagmas, e em seguida a substituição, que só é possível quando as palavras não estão completamente ligadas ao seu significado original.

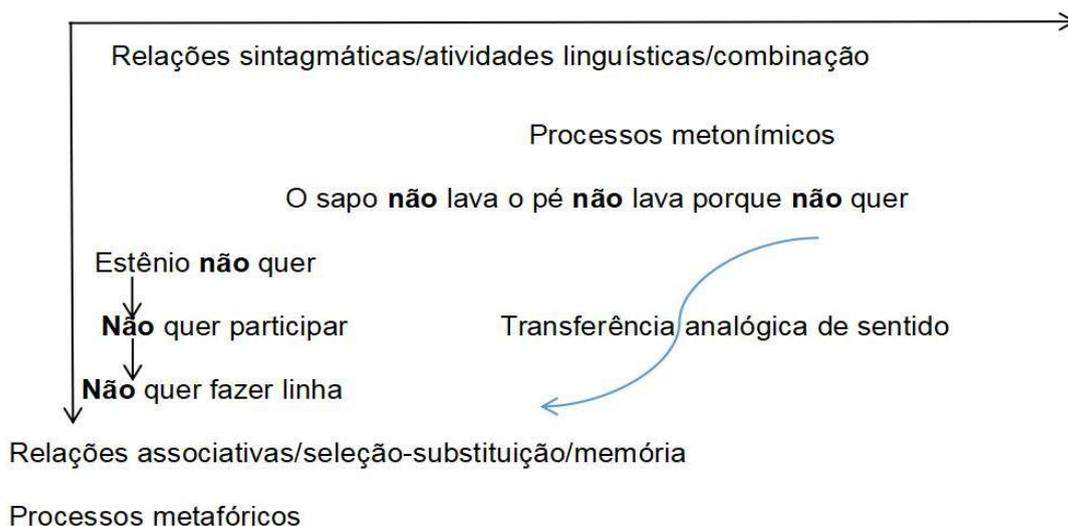
<u>O SAPO</u>	<u>NÃO</u>	<u>LAVA</u>	<u>O PÉ</u>	<u>NÃO</u>	<u>LAVA</u>	<u>PORQUE</u>	<u>NÃO</u>	<u>QUER</u>
EU	NÃO	FAÇO	ISSO	NÃO	FAÇO	PORQUE	NÃO	QUERO

Fonte: Barros (2011).

Analisando a linguagem do sujeito autista, a partir desse viés, que se enuncia através da música, em um espaço, aqui e agora, mesmo que essa enunciação seja um recorte do discurso do outro ou uma repetição de dizer, fundamentado na concepção benvenistiana, esse sujeito apresenta uma forma particular de estar na linguagem.

Exemplificamos da seguinte forma utilizando o fragmento analisado anteriormente:

Figura 3 — Transferência analógica de denominações no discurso (fragmento 2)



Fonte: autora (2025).

A esse respeito, Flores (2013) afirma que:

Essa noção de metáfora não está na dependência de uma visão de sentido que suponha uma literalidade e e uma conseqüente figuração. Ao contrário: trata-se de algo que se produz no instante mesmo que se fala (Flores, 2013, p. 162).

Ao ocupar uma posição enunciativa, o sujeito faz a língua entrar em funcionamento, o que nos faz refletir sobre a noção de “subjetividade” proposta por Benveniste (2020) e definida por ele como a capacidade do locutor de se propor como “sujeito”.

Defendemos aqui a música como uma transferência analógica de sentido, de enunciação, e não apenas a uma repetição de dizer. O sujeito atribui um sentido para além da música em seu discurso. Retornamos então a pergunta inicial: Que efeitos a música produz sobre a linguagem da criança com diagnóstico de autismo? Efeito de sentido, sentido para o interlocutor, desde que o discurso da criança seja

significado pelo outro, o 'tu' implicado pelo 'eu' na enunciação. Enfatizamos aqui, que a semantização ocorre no processo de enunciação desse sujeito, quando utiliza a música, uma palavra ou expressão seja usada de forma simbólica para representar algo diferente (do sentido original) criando assim uma nova forma de se referir a outra coisa. Ou seja, ao utilizar o trecho da música Estênio atribuiu outro sentido a palavra sapo, fugindo do sentido original.

Fazendo uma analogia a partir da repetição de dizer como uma forma de produção de sentidos na linguagem da criança autista, podemos afirmar que cada enunciação é única, específica a cada sujeito, diante de determinado contexto. Partindo desse pressuposto, acreditamos que ao utilizar determinado trecho de música em seu discurso, a criança autista está realizando uma transferência analógica de sentido. Ou seja, está utilizando o recorte do discurso do outro (repetição de dizer) atribuindo sentido ao seu discurso (enunciação), o que Flores chama de transferência de sentido feita no discurso que produz uma nova designação. Para o autor, esse novo sentido é construído na enunciação.

Essa noção de metáfora não está na dependência de uma visão de sentido que suponha uma literalidade e uma conseqüente figuração. Ao contrário: trata-se de algo que se produz no instante mesmo que se fala (Flores, 2013, p. 162).

A partir do corpus de Barros (2011), percebemos que um discurso que se caracterizava como uma repetição de dizer sem sentidos, adquiriu novas designações levando em consideração o contexto em que estava inserido, a partir da significação do interlocutor, indicando a subjetividade nessa fala. Na qual o sujeito atribuiu um novo sentido no momento em que se enunciou. Segundo a teoria da enunciação, é na linguagem que o falante se faz sujeito, na relação do diálogo, no envolvimento entre interlocutores, no momento enunciativo, no contexto discursivo. Logo, entendemos que podemos encontrar nessa nova designação na linguagem do sujeito autista uma subjetividade do falante.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer uso da língua, a criança autista se enuncia, utilizando a música em seu discurso. Ao utilizar a música em uma situação enunciativa específica, ocorre a semantização. A semantização da língua é o sentido dado no discurso pelo sujeito.

Nos dois fragmentos analisados, concluímos que algo muito semelhante acontece: as duas crianças demonstram atitudes diretas em direção aos seus interlocutores (percebemos a troca de turnos, a interação entre as crianças e seus interlocutores, bem como a significação do discurso pelo outro), o que vai de encontro a teoria que tomamos como base: a teoria da enunciação. A enunciação é a instância do ego, *hic et nunc*, ou seja, do eu, aqui e agora, porque, nela, alguém, num espaço e num tempo criados pela linguagem, toma a palavra e, ao fazê-lo, institui-se como “eu”, e dirige-se a outrem, que é instaurado como um “tu”. Isso é o conteúdo da enunciação. Benveniste nos diz:

O que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo. Esta característica coloca necessariamente o que se pode denominar o quadro figurativo da enunciação. Como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do diálogo. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação. Este quadro é dado necessariamente com a definição da enunciação (Benveniste, 2023, p. 87).

A transferência analógica de sentidos nessa perspectiva, segundo Flores (2013), ocorreria no momento da enunciação, quando um locutor enuncia ao alocutário sentidos que trazem novas designações, ou novos usos. Ainda segundo o autor, em Benveniste, a analogia

é algo que se constrói no discurso, é uma evidência da subjetividade na língua, da presença do homem na língua, como diria o próprio Benveniste. Não se trata, pois da coexistência de um sentido literal e de um sentido figurado, mas de um novo sentido construído na enunciação (Flores, 2013, p. 163).

Seguindo esse viés, Flores ainda afirma que:

é assim que deve proceder o linguista para análise da enunciação: partir do ato, examinar a situação em que se dá esse ato e, finalmente descrever os recursos linguísticos (os instrumentos) que tornam possível o ato (Flores, 2013, p. 162).

Assim, acreditamos que a repetição de dizer enquanto transferência analógica de sentidos, indicou nos fragmentos analisados, um deslize entre os eixos, uma

“passagem de um sentido a outro que possibilitou a significação do interlocutor” segundo Barros, Fonte e Souza (2020, p. 187), seguindo deste modo, o que Benveniste (2020, p. 40) “trata por Transferência analógica de denominação”.

Ao discutirmos a repetição de dizer sob o viés linguístico enunciativo, a partir dos dados analisados, os trechos de músicas utilizados como uma metáfora enunciativa nos mostra o momento da atualização da língua no discurso pela criança autista. Assim, retomando a pergunta inicial desta pesquisa: Que efeito a música produz na linguagem da criança com diagnóstico de autismo? Acreditamos que a música produz efeito de sentido para o interlocutor, desde que esse discurso seja validado por esse tu implicado pelo eu (locutor).

Ocupa o lugar de sentido, de uma forma particular/singular do sujeito se instaurar na linguagem, produzindo enunciação no discurso através das transferências analógica de denominações produzidas no contexto enunciativo. As crianças instauram em seu discurso uma analogia entre a palavra ‘**não**’ é de borracha e ‘**não**’ sei cantar essa música, ‘**não**’ quero cantar essa música, pois esses signos possuem uma significação semelhante no sistema linguístico, o que nos possibilita acreditar que exista uma nova designação dessas formas no discurso.

A partir das análises, percebemos o movimento de deslize entre o eixo sintagmático para o eixo associativo, quando as crianças utilizam o **não** das músicas dando um novo sentido para seu discurso, que foi significado pelos interlocutores. Consideramos que, a partir das análises linguísticas realizadas, podemos vislumbrar novos estudos sobre transferência analógica de sentidos a partir da teoria enunciativa na linguagem do sujeito autista, tendo em vista que a transferência analógica de sentidos se constrói a partir do discurso desse sujeito, apontando assim novas perspectivas ao que consideramos ser uma metáfora enunciativa.

Assim, compreendemos a metáfora como transferência analógica de denominação, que ocorre no discurso e uso da língua, envolvendo o emprego de signos com significados anteriores que surgem com novos usos na situação enunciativa. E nas relações estabelecidas nas experiências no simbólico da linguagem criam possibilidades de estabelecer analogias no ato discursivo.

Acreditamos que esta pesquisa poderá ser o ponto de partida para outros pesquisadores perceberem a música como uma transferência analógica de sentido produzida no discurso que instaura uma nova designação. Ou ainda, indicar outros

caminhos de perceber a transferência analógica de sentidos a partir de outras formas de linguagens.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Moab Duarte [et al.]. **Linguagem: entre o sistema, o texto e o discurso**. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2015.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** — DSM-5-TR. 5. ed. Washington, DC: Amer Psychiatric Pub Inc., 2023.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. **Os ecos da fala na clínica Fonoaudiológica**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2006.

_____. **DA LINGUAGEM E SUA RELAÇÃO COM O AUTISMO**: Um estudo linguístico saussureano e benvenistiano sobre a posição do autista na linguagem. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Da Paraíba. Programa De Pós-Graduação Em Letras, João Pessoa, 2011.

_____. **Autismo e linguagem**: discussões à luz da teoria da enunciação. *Distúrbios da Comunicação*. v. 23, n 2, ago., p.227-232, 2011.

_____. **Os marcadores dêiticos e a produção de sentido na linguagem desviante**. *Estudos da Língua(gem)*. v. 10, n. 2, p. 181-192, dez., 2012.

_____. **Discussões acerca de uma possibilidade dicotômica da fala em Ferdinand de Saussure**. *Nonada: Letras em Revista*. v. 1, n. 20, mai/ set, p. 103-118, 2013.

_____. **A linguagem como lugar de enunciação do sujeito autista**. In: Filippo Muratori; Rogério Lerner. (Org.). *Os enlaces do corpo e da escrita na criança e no adolescente*. 1ed. São Paulo: Instituto Langage, 2014.

_____. **As vocalizações no autismo como aspectos constituintes da linguagem sob a perspectiva enunciativa**. In: Heloisa Monteiro Rosário; Sara Luiza Hoff; Valdir do Nascimento Flores (Org.). *Leituras de Émile Benveniste*. 1ed. Porto Alegre: Zouk, 2022.

_____. **Som e sentido**: um estudo enunciativo da música no autismo. In: Célia H. P. Della Méa; Márcia Elisa Vanzin Boabaid; Valdir do Nascimento Flores. (Orgs.) *A linguagem serve para viver: estudos reunidos em torno da obra de Émile Benveniste*. Santa Maria, RS: UFSM, CAL, PPGL, 2024.

BARROS, Isabela Barbosa do Rego; FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. **Inversão pronominal e autismo**: considerações sob a perspectiva enunciativa de Émile Benveniste. In: BARROS, I.B.R (et al.). Curitiba, PR: CRV, 2014.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. **A criança autista e a enunciação como uma realização vocal da língua**. Revista Eutomia, Recife, v.1, n.33. p.115-133, jun. 2023.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; FONTE, Renata Fonseca Lima da. **Ecolalia e autismo**: discussões em torno da metáfora na clínica de linguagem. In: Paulo Vinícius Ávila Nóbrega. (Org.). Nuances da linguagem em uso: o sujeito sob diferentes perspectivas. 1ed. Campina Grande: EDUEPB, 2021.

_____. **Estereotípias motoras e linguagem**: aspectos multimodais da negação no Autismo. RBLA, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 745-763, 2016.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo. FONTES, Renata Fonseca Lima da. & SOUZA, Ana Fabrícia Rodrigues de. **Ecolalia e gestos no autismo**: reflexões em torno da metáfora enunciativa. Forma y Función vol. 33, n.º 1. Bogotá, Colombia, issn impreso 0120-338x–en línea 2256-5469, pp. 173-189, enero-junio del 2020.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**: Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum - 6. ed . São Paulo: Pontes, 2020.

_____. **Problemas de Linguística Geral II**. Tradução: Eduardo Guimarães. 6. ed . Campinas, SP: Pontes, 2023.

CARDOSO, Jefferson Lopes; FLORES, Valdir do Nascimento. **Estudos da linguagem e clínica dos distúrbios de linguagem**. 1 ed. Campinas, SP. Pontes Editores, 2022.

CRUZ, Marcio Alexandre. PIOVEZANI, Carlos. TESTENOIRE, Pierre-Yves. **Saussure, o texto e o discurso: cem anos de herança e recepções**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

DORES, Ivani Alberto das. **O estudo da Metáfora e da Metonímia em sala de aula sob a ótica da Linguística Cognitiva**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiânia, 2022.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Benveniste e o sintoma de linguagem**: A enunciação do homem na língua. Letras de Hoje – PUCRS, Porto Alegre, v. 33, n.2, 2007.

_____. **Enunciação e Metáfora na linguagem da criança**: um esboço de estudo. Revista Prolíngua, V. 8. Nº 2, jul /dez 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). **Método e pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de

Graduação Tecnológica Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes (trad.). São Paulo: Cultrix, 2010.

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. **Rumo à palavra**: três crianças autistas em psicanálise. Mônica Seincman(trad.). São Paulo: Escuta, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O homem nu**. Beatriz Perrone-Moisés (trad.). São Paulo: Cosac Naify, (Mitológicas, 4), 2011.

MALTA, Manuela de Lira. **Explorando a ecolalia como sintoma no autismo**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2006.

MITHEN, Steven. **The singing Neanderthals. The origins of music, language, mind and body** Harvard University Press: Cambridge, 2006.

NÓBREGA, Paulo Vinícius Ávila (Org). **NUANCES DA LINGUAGEM EM USO**: O sujeito sob diferentes perspectivas. Campina Grande. EDUEPB, 2021.

NOCRATO, Yanne Maria Araújo. **Efeitos produzidos pela música sobre a linguagem da criança com transtorno do espectro autista**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2022.

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo. **Desenvolvimento musical de crianças autistas em diferentes contextos de aprendizagem: um estudo exploratório**. Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, 2015.

ORRADO, Isabelle. VIVES, Jean-Michel. **Autismo e mediação**: bricolar uma solução para cada um. Paulo Sérgio de Souza Junior(trad.). São Paulo: Aller, 2022.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1ª edição. São Paulo: Parábolas, 2019.

PIRES, Vera Lúcia. **Da semiosis de Saussure à poiesis de Jakobson: O sistema linguístico funda o processo poético**. Nonada: Letras em Revista, vol. 1, nº 20, maio-setembro, 2013, p.119-138. Porto Alegre. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451670007.pdf>

PIRES, Vera Lúcia; WERNER, Kelly Cristini G. **A dêixis na teoria da enunciação de Benveniste**. Letras. n. 33, p. 145-160. 2007.

ROCHA, Ina Mirely Oliveira da. **Uma Partida de Xadrez com Saussure e Lacan**: uma análise da relação entre sujeito e linguagem. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.

SAMPAIO, Renato. **Por uma nova noção de Música em Musicoterapia**. In: Apontamentos em Musicoterapia, 1, 21-24. São Paulo: Apontamentos, 2005.

SAUSSURE. Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Charles Bally e Albert Sechehaye (org.). Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein (trad.). Cultrix. 28ª edição. São Paulo, 2012.

TEIXEIRA, Marlene. MESSA, Rosângela Markmann. **Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala**. Estudos da Língua(gem). v.13, nº1. Vitória da Conquista, 2015.

VASCONCELOS, Kátia Simone. **Investigando o uso do eu no autismo: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

SACKS, Oliver. **Alucinações Musicais** : relatos sobre a música e o cérebro. Laura Teixeira Motta (trad.). Companhia das Letras. São Paulo, 2007.

SHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e como representação**. S. Paulo: UNESP, 2005.

XAVIER, Ana Fabrícia Rodrigues de Souza. **Ecolalia e metáfora: um estudo apoiado na teoria da enunciação de Émile Benveniste**. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2017.